



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JULHYANE CRISTINA OLIVEIRA BISERRA

**A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS LITERÁRIOS DA FESTA
LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO – FLIBO (2010-2020) E O
PROTAGONISMO DA ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE
ESCRITORES – ABES.**

CAMPINA GRANDE - PB

2021

JULHYANE CRISTINA OLIVEIRA BISERRA

**A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS LITERÁRIOS DA FESTA
LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO – FLIBO (2010-2020) E O
PROTAGONISMO DA ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE
ESCRITORES – ABES.**

**Trabalho de Conclusão Curso
(Monografia) apresentado ao Curso de
Licenciatura em História do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
História.**

Orientador: Professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

CAMPINA GRANDE - PB

2021



B621c Biserra, Julhyane Cristina Oliveira.

A construção dos caminhos literários da Festa Literária de Boqueirão - FLIBO (2010-2020) e o protagonismo da Associação Boqueirãoense de Escritores - ABES. - 2021.

94 f.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia (Curso de Licenciatura em História) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades.

1. Festa Literária de Boqueirão - PB. 2. FLIBO - Festa Literária de Boqueirão - PB. 3. Associação Boqueirãoense de Escritores - ABES. 4. Formação de leitores. 5. Encontros poéticos. 6. Balaio cultural - Boqueirão - PB. 7. Boqueirão - PB - festa literária. 8. História da FLIBO - Boqueirão - PB. 9. Evento cultural da Paraíba - Feira Literária de Boqueirão - FLIBO. 10. História cultural. 11. Movimento literário - Boqueirão - PB. 12. História oral. I. Souza, Antônio Clarindo Barbosa de. II. Título.

CDU:94:82.02(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

JULHYANE CRISTINA OLIVEIRA BISERRA

**A CONSTRUÇÃO DOS CAMINHOS LITERÁRIOS DA FESTA
LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO – FLIBO (2010-2020) E O
PROTAGONISMO DA ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE
ESCRITORES – ABES.**

**Trabalho de Conclusão Curso
(Monografia) apresentado ao Curso de
Licenciatura em História do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial
para obtenção do título de Licenciada em
História.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.
Orientador – UAH/CH/UFCG**

**Professora Esp. Verônica Melo de Figueirêdo.
Examinadora Externa**

**Professora Dra. Damiana de Matos Costa França.
Examinadora Interna – UAH/CH/UFCG**

Trabalho aprovado em outubro de 2021.

CAMPINA GRANDE - PB

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Ana Cristina e Josué pela força, inspiração e gratidão

A minha irmã Ana Caroline, pela união

A meus irmãos Isaias, Lucas e Ezequiel pela parceria

A meu esposo Antonio Carlos, pelo
companheirismo

A minha família por todo apoio

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas estiveram comigo desde o início da graduação até o presente momento, mas nem todas ficaram marcadas em minha memória. Foram nove anos desde a minha primeira entrada. Entrei no semestre 2013.2, mas em 2019 cadastrei uma nova matrícula e entrei no período 2019.2. Foi um longo período em que ocorreram muitas coisas em minha vida profissional, pessoal e acadêmica.

A garotinha que não conhecia a rotina e os desígnios de uma Universidade e da vida, apanhou um pouco até aprender. Foram dias, tardes e noites pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a qual me possibilitou viver uma etapa de muito aprendizado e construção de amizades que perduram. Algumas pessoas contribuíram de certa forma para que pudesse chegar até aqui, e com isso, agradeço com estas palavras a cada uma delas.

Agradeço a todos os seres de luz que guiaram o meu caminho em dias nublados. Agradeço a Deus por me mostrar que a vida é única e que temos que vivê-la com muita leveza e poesia.

Agradeço a minha mãe Ana Cristina, uma das minhas joias raras por ser para mim e para os meus irmãos uma mãe dedicada, amorosa, cuidadosa e muito preocupada com a gente. Você é inspiração, força e luz. Encontrar a felicidade no seu sorriso me alegra e me faz lutar por dias melhores.

Agradeço a meu pai Josué, que luta bravamente por toda a nossa família. É outra joia muito valiosa para mim. Ele é símbolo de resistência e me ensinou que não podemos desistir, mesmo as coisas sendo difíceis, pois a tempestade sempre passa e a calmaria vem. Sou muito grata aos dois por toda a educação, carinho, respeito, amor e todo o sustento na minha vida e no período da minha graduação. Sem a ajuda deles, poderia não ter prosseguido.

Agradeço aos meus irmãos Ezequiel, Isaías e Lucas por todo apoio e parceria na minha trajetória. E a minha irmã Ana Caroline pela união, parceria, incentivo e inspiração. Agradeço a toda a minha família e a todos aqueles que acreditaram nas minhas possibilidades como acadêmica.

Agradeço ao meu companheiro, amigo e confidente diário Antonio Carlos, que compartilha comigo muitos momentos felizes, assim como esse, e sempre me incentiva a lutar pelo o que almejo.

Agradeço a minha tia Sonely que me abrigou durante os dois anos iniciais dos meus estudos em sua casa, para que eu pudesse fazer as idas e vindas diárias de Boqueirão a Campina Grande.

Agradeço ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) por me possibilitar estar em sala de aula dialogando a troca de saberes e aprendizado entre 2015 e 2018, além de gerar o sustento para os gastos básicos da graduação e os gastos pessoais devido morar em outro local que não residia fixamente.

Agradeço a minha turma do 2013.2 por possibilitar múltiplas experiências e construções de amizades que perduraram os muros universitários, em especial aos amigos: Anderson Gonçalves, Cláudio Robélio, Karla Cardoso, Kezia Jaiane e Mateus Alves. E nesse último ano, agradeço a minha atenciosa amiga Arielle Barbosa que compartilhou comigo o estágio e a luta para concluirmos o curso, sempre se dispondo a me ouvir e me ajudar em muitos momentos.

Agradeço ao meu orientador Antonio Clarindo pela paciência, compreensão e disponibilidade em se dispor a me guiar nesse trabalho, mesmo diante de tantas incertezas minhas em relação à pesquisa e escrita. Sua ajuda foi de fundamental importância para os meus caminhos. Obrigado por ser um profissional atencioso, dedicado e muito organizado no que faz.

Agradeço também a professora Damiana Matos por sua ternura, leveza e paciência nas suas aulas, as quais estive presenciando três vezes a mesma disciplina como aluna. Obrigada pelo incentivo e inspiração para finalizar esse ciclo. Agradeço também a professora Verônica Figueiredo por ter disponibilidade e aceitar estar compondo a banca.

Agradeço a contribuição dada pelos professores da Unidade Acadêmica de História (UAHIS) da UFCG para a minha formação docente como historiadora. Além de agradecer a UFCG por possibilitar a construção dessa conquista.

Agradeço a historiadora, professora e poetisa Mirtes Sulpino pela disposição em conceder sua fala para acrescentar ao texto e também por toda contribuição durante a pesquisa. Por fim, agradeço a banca por aceitarem a se dispor a ler a minha escrita e estar presente em um momento tão esperado, gratificante e feliz.

RESUMO

Nossa pesquisa terá uma abordagem pautada no campo temático da História Cultural, e com isso, o presente trabalho busca problematizar a construção e as representações dos caminhos literários da Festa Literária de Boqueirão (FLIBO) entre os anos de 2010 e 2020 e o protagonismo da Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES); através da discussão de alguns elementos que possam ter levado ao processo de construção da Festa. Além de discutir uma possível formação de leitores a partir da inserção dela na cidade. Diante da lacuna encontrada, em que não havia trabalhos acadêmicos sobre a construção da Festa, pautamos discuti-la visando contribuir de forma significativa para a história local da cidade e para colaboração do conhecimento literário para os leitores amantes da literatura e todos aqueles que almejam conhecer um pouco mais sobre a cidade de Boqueirão e seus movimentos literários. Para a metodologia utilizamos o uso da história oral, com o relato de uma fundadora da Flibo para acrescentar a nossa discussão. E com isso, para guiar nossas interpretações recorreremos a Verena Alberti e José Carlos Sebe, estudiosos da área. Além disso, fizemos a aplicação de um formulário sobre a Flibo com intuito de conhecer alguns dos públicos participantes e suas especificidades. Para embasar a nossa pesquisa utilizamos o conceito de representação (2012) de Sandra Jatahy Pesavento para discutirmos impressões e representações dada à Flibo. A partir desses pontos pudemos perceber que houve a intenção de uma construção literária e formação de leitores no seio da cidade de Boqueirão, além da intensa colaboração da Abes para esse processo.

Palavras-chave: Festa Literária de Boqueirão; Construção literária; FLIBO; Formação de Leitores; ABES;

ABSTRACT

Our research will have an approach based on the thematic field of Cultural History, and with that, the present work seeks to problematize the construction and the representations of the literary paths of the Boqueirão Literary Festival (FLIBO) between the years 2010 and 2020 and the protagonism of the Boqueirãoense Writers Association (ABES); through the discussion of some elements that may have led to the process of construction of the Festival. In addition to discussing a possible formation of readers from its insertion in the city. In view of the gap found, in which there were no academic works about the construction of the Festival, we set out to discuss it aiming to contribute in a significant way to the local history of the city and to the collaboration of literary knowledge for readers who love literature and all those who wish to know a little more about the city of Boqueirão and its literary movements. For the methodology we used the oral history, with the report of a founder of Flibo to add to our discussion. And with that, to guide our interpretations we resorted to Verena Alberti and José Carlos Sebe, scholars in the area. In addition, we applied a form about FLIBO in order to get to know some of the participating publics and their specificities. To ground our research we used Sandra Jatahy Pesavento's concept of representation (2012) to discuss impressions and representations given to Flibo. From these points we could see that there was an intention of literary construction and formation of readers in the heart of the city of Boqueirão, besides the intense collaboration of Abes for this process.

Keywords: Boqueirão Literary Festival; Literary construction; FLIBO; Reader Training; ABES;

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPB- Assembleia Legislativa da Paraíba

ABES - Associação Boqueirãoense de Escritores

CEFAR - Centro de Formação Artística de Boqueirão

EDUEPB - Editora da Universidade Estadual da Paraíba

EDUECG - Editora da Universidade Federal de Campina Grande

EEEFM- Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino Barbosa Camelo

EEEFM-Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego

EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Inácio

ECIT - Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Conselheiro José Braz do Rego

ECM- Escola Criativa da Mônica

FELITA - Feira Literária de Itabaiana

FELIPI - Feira Literária de Piancó

FLAREIA - Feira Literária de Areia

FLIBANANEIRAS - Festival Literário de Bananeiras

FLIBARRA - Festival Literário de Barra de São Miguel

FLIBO - Festa Literária de Boqueirão

FLIC- Feira Literária de Campina Grande

FLIMA- Festa Literária de Mãe D'água

FLIMON – Festa Literária de Monteiro

FLIFOGO - Feira Literária de Pedras do Fogo

FLICA - Festa Literária de Cajazeiras

FLIP - Festa Literária Internacional de Paraty

FLIPOCINHOS - Festa Literária de Pocinhos

FLIQ - Feira Literária de Queimadas

FUNESC - Fundação Espaço Cultural

HQs – História em Quadrinhos

IFPB - Instituto Federal da Paraíba

JK -Juscelino Kubitschek de Oliveira

O. L. - Oliveira Lêdo

PET- Programa de Educação Tutorial

PIBID-Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

SEBRAE- Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SESC - Serviço Social do Comércio

UAHIS-Unidade Acadêmica de História

UEPB -Universidade Estadual da Paraíba

UFCG- Universidade Federal de Campina Grande

UFPB- Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. CAPÍTULO I – OS RIOS E AS LETRAS, FORMAM CORRENTES PROFUNDAS – DE CIDADE DAS “ÁGUAS” A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO	17
2.1 Borbulhar das correntes literárias na cidade de Boqueirão	23
3. CAPÍTULO II - ENCONTROS POÉTICOS E O NASCIMENTO DA ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE ESCRITORES – ABES.....	25
3.1 O Balaio Cultural	27
3.2 O nascimento da Associação boqueirãoense de escritores - Abes	29
3.3 O incentivo literário e a biblioteca da Abes	32
3.4 Ações promovidas pela Abes e o germinar da Flibo	44
4. CAPÍTULO III – A FLIBO ENRAIZOU-SE!	52
4.1 A construção da Festa Literária de Boqueirão – Flibo	54
4.2 Flibinho	61
4.3 Marcha Literária	62
4.4 Organização das escolas e a praça da Abes	64
4.5 Escolha do homenageado e edições da Flibo	68
4.6 Formulários sobre a Flibo e seus prováveis públicos e especificidades	86
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	89
6. REFERÊNCIAS.....	92
7. ANEXOS	94

INTRODUÇÃO

Para encontrarmos o rumo para a escrita, buscamos enveredar por variados campos. Na História, o historiador depara-se com o que já foi vivenciado, com o que está sendo exposto para a sociedade e com a história dilacerando as suas pupilas. Estudar e escrever sobre uma temática no campo historiográfico é rememorar, representar, historicizar os fatos ocorridos e a marca poética que eles deixaram. E com isso, pautamos nossa escrita por alguns caminhos, sendo eles o da formação de leitores, da literatura, da história local, da poesia, do incentivo lítero-cultural e da representação da construção de caminhos literários.

Dentre os longos territórios situados no Brasil voltamo-nos para uma região resistente, que denota resiliência e expressa sobrevivência, a Região Nordeste e o estado da Paraíba. E a partir dela erguemos nossas pontes pelos variados caminhos trilhados pela Festa Literária de Boqueirão - FLIBO, que fica situada na cidade de Boqueirão. Teremos como espaço a urbe boqueirãoense, localizada na Mesorregião do Planalto da Borborema e na Microrregião do Cariri Oriental Paraibano.

Das primeiras décadas do século XXI, abordaremos os anos de 2010 a 2020 para guiar nossa pesquisa. Teremos como espaço, a cidade de Boqueirão, localizada na Mesorregião do Planalto da Borborema e na Microrregião do Cariri Oriental Paraibano.

Nossa pesquisa terá uma abordagem pautada no campo temático da História Cultural em que buscaremos discutir representações sobre a Flibo. Para a metodologia da pesquisa daremos ênfase na história oral. A história oral possibilita uma pesquisa interdisciplinar que permite ter o conhecimento de variadas experiências através do contato com a linguagem dos entrevistados. Ela possibilita ao historiador investigar, contrastar e problematizar acontecimentos passados e presentes.

A escolha da Festa como temática para a pesquisa surgiu a partir de inquietações acadêmicas, literárias e pessoais. No âmbito pessoal, pois vivenciamos algumas edições presenciais que nos renderam momentos incentivadores, educacionais e literários. No campo literário, pois ela pode representar um incentivo de grande relevância para a geração de outros festivais literários no setor estadual paraibano e regional do Nordeste, além da valorização de escritores locais.

Encontramos uma lacuna acadêmica¹, pois poucos são poucos os trabalhos desenvolvidos sobre ela. E com isso, buscamos abordar a construção da festa desde o início da sua formação com a Associação Boqueirãoense de Escritores – Abes e possíveis aspectos que poderiam ter levado a sociedade civil da cidade de Boqueirão a idealizar um evento desse modelo. Identificando assim, os atores protagonistas e antagonistas dessa caminhada literária e a formação de leitores em decorrência da inserção da Flibo no cenário local. Além de enfatizarmos o possível protagonismo exercido pela Associação perante a Flibo. Sendo assim, diante desses pontos pautamos contribuir de forma significativa para a história local da cidade e para colaboração do conhecimento literário para os leitores amantes da literatura e todos aqueles que almejam conhecer um pouco mais sobre a cidade de Boqueirão e seus movimentos literários.

Para acrescentar a pesquisa, foi feita uma entrevista temática com uma série de perguntas sobre a Flibo, com umas de suas fundadoras. A partir do seu relato pudemos problematizar algumas questões que são discutidas no decorrer dos capítulos. Em relação a história oral, recorreremos a alguns estudiosos da área como Verena Alberti e José Carlos Sebe para guiar nossas interpretações. Em relação a conceitos, fazemos uso do conceito de representação da Sandra Jatahy Pesavento, pois discutiremos impressões e representações dadas à Flibo.

Além da entrevista, também foi realizado a aplicação de formulários sobre a Flibo ao público, e com isso, buscamos identificar algumas especificidades dos públicos participantes das edições da Festa, a partir da aplicação virtual de um formulário com quinze questões que versaram sobre dados de identificação, e-mail, idade, cidade, como foi o primeiro contato com a Flibo, impressão da cidade antes e depois da inserção da Festa, formas de participação ao longo das onze edições, participações em outros festivais semelhantes a Flibo, hábito de leitura, compras de livros, aquisições de produtos e coordenação de projetos nas feiras, escolaridade, o que representa a Flibo a cada edição e frutos que podem ter sido gerados a partir das ações das Festas/Feiras. Obtivemos alguns resultados que são discutidos no terceiro capítulo.

¹ Foram poucos os trabalhos e artigos que encontramos sobre a Festa Literária de Boqueirão – Flibo, até o momento de nossa pesquisa. Deixaremos os dois utilizados na pesquisa, citados abaixo:

AQUINO, L. G. **Flibo: Uma década levando literatura ao Cariri**. Revista Correio das Artes, Ano LXX, Nº 6, 2019, p. 9-12.

CARNEIRO, M. W. O. S. **A poética feminina – Contribuições da escrita literária feminina e a formação de uma sociedade leitora em Boqueirão**. Revista Correio das Artes, Ano LXIX, Nº 1 2009, p. 32-39.

Nosso trabalho está articulado em três capítulos, cada um destacará um momento referente a temática estudada. No primeiro capítulo, pautamos discutir um pouco sobre a construção da cidade de Boqueirão, evidenciando que ela pode ser considerada um ponto estratégico no início da colonização paraibana; a origem do seu nome, a construção do Açude Epitácio Pessoa e a mudança de representação da cidade, que passou a ter em seu seio a inserção dos movimentos literários a partir do Balaio Cultural e posteriormente Abes e Flibo.

No segundo capítulo problematizamos o nascimento da Associação Boqueirãoense de Escritores - Abes e seus respectivos possíveis impactos na sociedade boqueirãoense. Destacamos nele o possível protagonismo da Associação perante a Flibo. Além de pautarmos o movimento do Balaio Cultural, os poetas e poetisas que buscaram inserir a cidade no cenário literário enfatizando a liderança das mulheres nesse meio e os incentivos literários e a Biblioteca da Abes.

No terceiro capítulo abordamos a possibilidade de enraizamento da Festa Literária de Boqueirão - Flibo. Nele também pautamos a construção da Festa, a Flibinho, a marcha literária, a organização das escolas e a praça da Abes, a escolha do homenageado e edições da Flibo e uma análise das respostas advinda da aplicação do formulário sobre a Festa. Nos anexos deixamos o formulário com todas as perguntas propostas. Por fim, esperamos que você leitor faça um passeio construtivo sobre a temática abordada e suas respectivas discussões.

CAPÍTULO I – OS RIOS E AS LETRAS, FORMAM CORRENTES PROFUNDAS – DE CIDADE DAS “ÁGUAS” A FESTA LITERÁRIA DE BOQUEIRÃO

“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” - Clarice Lispector

“No rio, como na História, há multiplicidade, pois um rio é composto de muitos outros e de muitas águas, embora pareça superficialmente homogêneo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.30,31). A história é como o rio que transforma suas águas e cada mergulhador, pesca algo novo. Os mergulhadores são os historiadores que buscam nas correntes, a problematização teórico-metodológica para os diversos campos estudados. E resgatam nas pescarias “insights” para suplementar lacunas abertas, por pesquisas anteriores. Então, percebe-se que o rio e a história são barcas que velejam entre o conhecimento e a profundidade, pois, são áreas que despertam curiosidades em seus navegantes.

Escrever é um dos atos mais minuciosos, complexos, confortantes... que chega a ser de uma beleza sem tamanho. Quando nos especializamos em algo e centramos nossos escritos sobre isso, passamos a construir uma nova interpretação do que tanto consumimos e inoculamos veia adentro. A variedade de temas é extensa. Os gostos, a identificação, as frestas abertas para determinado local são pontos que nos levam a circundar caminhos com pedregulhos, outros cheios de planícies, e ainda sim, tem aqueles conturbados por planaltos irregulares. Penetramos por tantos caminhos e tantas escolhas que acabamos chegando na estrada, e a seguimos, cortando pedaços, alongando outros, mas, estamos a caminhar por ela. Assim, como enfatiza o historiador Albuquerque Júnior (2007, p.32) a seguir:

Tecer, costurar, bordar, escrever, como qualquer evento humano, por mais comezinho que seja, põe em relação a matéria e a ideia, a concepção ideal e o trabalho, a mão e a cabeça, o projeto e a ação, a natureza e a cultura, a coisa e a palavra.

Entre a descoberta do caminho a seguir e da estrada a percorrer, somos apresentados aos conceitos vinculados às palavras, as mudanças que os envolveram e o quanto eles influenciaram as produções, sejam imagéticas, escritas, orais ou outras. Para Pesavento (2006, p.1) “cada geração se coloca problemas, e ensaia respostas para respondê-los, valendo-se para isso de um arsenal de conceitos que se renova no tempo”. As palavras, não são apenas meros símbolos

escritos que reproduzem interpretações. Elas acalmam, mas podem gerar revoluções, basta inferir uma entonação mais grave e perspicaz. Por isso, semear letras e construir textos, não são tarefas fáceis, mas, cheias de punhos fortes.

Das primeiras décadas do século XXI, abordaremos os anos de 2010 a 2020 para guiar nossa pesquisa. A cidade de Boqueirão, localizada na Mesorregião do Planalto da Borborema e na Microrregião do Cariri Oriental Paraibano será o ambiente espacial do estudo. Vale salientar que na década de 1950 ela pertencia à Cabaceiras e só a partir da emancipação política em 1959 é que se consolida como “Boqueirão”. Boqueirão foi intitulada com esse nome em virtude da sua formação geográfica, que denota “boqueirões”. De acordo com o significado etimológico definido pelo Dicionário Aurélio, a palavra Boqueirão apresenta alguns significados, sendo eles: 1. Grande boca; 2. Abertura de um canal; 3. Valão; 4. Quebrada entre montes e outros. Como o Rio Paraíba contorna a serra do Carnoió, ele formava um “boqueirão” no seu interior, e com isso, deu origem ao nome da cidade.

É um local surgido no século XVII por volta de 1670, com uma trajetória histórica abundante. No período colonial havia as incursões dos bandeirantes para o interior do território brasileiro, e na Paraíba, não foi diferente. O seu interior, pouco a pouco foi sendo povoado e explorado por eles. E os habitantes nativos que estavam nessas terras foram sendo escorraçados, mortos, tornados prisioneiros e mão de obra para os invasores, os ditos colonizadores. As terras mais apropriadas para cultivo agrícola e para a pecuária, eram as mais disputadas entre eles e os indígenas locais. Seixas (1975) destaca que a pecuária esteve em primeiro plano, e só depois veio a agricultura.

A maior ambição do colono paraibano era a criação de rebanhos. Os campos do Piancó, Piranhas e Rio do Peixe não demoraram a se povoar de rebanhos. [...] A pecuária antecedeu à agricultura nos sertões paraibanos. Foi ela realmente que contribuiu para o processo sertanejo. Foi a pecuária a primeira etapa de evolução social e econômica da região sertaneja (SEIXAS, 1975, p.72)

Boqueirão, primeiro habitada por índios cariris, pois em suas imediações havia os rios, hoje denominados Paraíba e Taperoá que propiciavam alimento, locomoção e terras férteis. Para os colonos, esse local era um ponto estratégico já que podia-se cultivar nas terras próximas aos rios e criar animais para consumo e renda para a colônia. Porém, é com a chegada da família dos Oliveira Lêdo na região que o aldeamento emergirá. O que também gerará conflitos e

desenvolvimento para o local. Hoje, a cidade tem uma rua e uma travessa que homenageiam a família, a rua Oliveira Lêdo e a Travessa Oliveira Lêdo II. Os Oliveira Lêdo ocuparam não só o cariri, como também, adentraram os sertões paraibanos com várias rotas de penetração. Medeiros, (1999, p. 38) explana sobre isso:

A parte média e superior da bacia do rio Paraíba (região dos Cariris Velhos) só começou a ser povoada efetivamente a partir de 1670 por homens da família Oliveira Ledo, procedente do rio São Francisco. Mais tarde, Teodósio de Oliveira Ledo vai se destacar como o sistematizador do esquema de povoamento da região mais interiorana: Piancó e Piranhas.

Eles e a família dos D'ávila, os proprietários da Casa da Torre expandiram-se povoando a Capitania da Paraíba no início da colonização. Por ser um ponto tático, a localidade confluía em uma rota comercial relevante durante o período colonial, já que interligava as rotas entre as capitanias da Paraíba e do Pernambuco. A descoberta desse local pela família O. L. é abordada em alguns documentos e também pela historiografia paraibana, que discorre sobre a colonização e ocupação interiorana da Paraíba. Seixas (1975) relata sobre a chegada de Teodósio de Oliveira Lêdo e sua família a Boqueirão e também evidencia o documento de um missionário capuchinho, o padre Martinho de Nantes. Teodósio, é um dos nomes que ganha ênfase nesse período. Perpetua-se como desbravador das terras paraibanas, além de ser atrelado à violência contra os indígenas.

Era ele oriundo e descendente de família portuguesa que para aqui viera no início da conquista e colonização do interior da Paraíba, [...] Chegou Teodósio ainda bastante jovem em Boqueirão de Cabaceiras como era então conhecida, em companhia do seu pai, Custódio de Oliveira Ledo, bem como do seu tio, Antonio de Oliveira Ledo [...] Com a morte de Constantino, assumiu o posto de capitão-mor dos sertões da Paraíba, Teodósio de Oliveira Lêdo, seu irmão, que veio a ser a maior figura do sertanismo paraibano (SEIXAS, 1975, p.79)

Assim como Seixas (1975) relata, Almeida (1962) enfatiza que a família Oliveira Lêdo esteve presente na Bahia, mas, tinham ascendência portuguesa². Na obra do padre Martinho de

² ALMEIDA, Elpidio. História de Campina Grande. Campina Grande: Livraria Pedrosa, 1962

Nantes³ há trechos relacionados à aldeia dos cariris, que viria a ser a Vila Carnoió, e depois Boqueirão.

A obediência ao nosso reverendo padre provincial Ange de Memers a 15 de fevereiro de 1671, me levou primeiramente a Lisboa, para daí, numa frota, passar ao Brasil. Cheguei ao Brasil a 30 de agosto e, pouco tempo depois segui para uma aldeia a setenta léguas de Pernambuco, localizada numa nação de índios denominados cariris, com os quais morava um digno missionário capuchinho, o padre Teodoro de Lucé [...] a aldeia ou burgo de índios fora descoberto no ano de 1670, por um português chamado Antônio de Oliveira, que procurando pastagens próprias para o seu gado, encontrou, na ribeira da Paraíba, uma tropa desses índios [...] esse capitão, havendo obtido dos índios liberdade e segurança [...] veio incontinentemente a Pernambuco, à procura de algum missionário, que quisesse estabelecer-se entre esses índios, pra melhor proteção do gado que lhe pertencia. Encontrou em nossa confraria o padre Teodoro [...] fiquei somente oito meses nessa aldeia com o padre Teodoro (MARTINHO DE NANTES, 1979, p. 1, 2)

Com a chegada dos portugueses, espanhóis e holandeses à América do Sul, as tribos indígenas foram surpreendidas com as ações do homem branco. A sua cultura era tida como horrenda pelos invasores, principalmente, quando se tratava do cultuamento dos variados deuses e não um só, como na religião católica. O outro, muitas vezes é representado como diferente. Para os portugueses, no Brasil esse outro deveria ser semelhante. E para criar essa ponte, os missionários são trazidos para iniciar o processo de conversão ao catolicismo nos aldeamentos que já se encontrava na presença de colonos.

A conversão não foi amigável, pois eles resistiram de diferentes formas. Assim, como aborda Medeiros (1999) em relação à Paraíba, em que os índios iam se submetendo pela força ou “voluntariamente” e ficavam confiados às Ordens Religiosas, localizando-se em pontos estratégicos. A autora também enfatiza a figura do sertanista, “o sertanista sabia que sem o missionário não podia haver paz nos currais. Como já vimos, era na missão que se disciplinavam os índios” (MEDEIROS, 1999, p.40). Além disso, ela frisa um ponto importante em relação à primeira aldeia dos cariris, a de Boqueirão. Para Pinto (1997) citado por Medeiros

³ Martinho de Nantes, padre, O. F. M. Cap. Relação de uma missão no Rio São Francisco: relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris/ Martinho de Nantes; tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho. -2.ed.- São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

(1999) “a primeira dos Cariris foi a de Boqueirão, por onde esteve o Pe. Martinho de Nantes (PINTO, 1977; V. I, p.65).

A aldeia de Boqueirão estava interligada com outro aldeamento próximo, o dos Ariús, que conhecemos hoje como a cidade de Campina Grande. Teodósio teve papel fundamental na fundação de Campina e nos arredores. “Os “ariús” habitavam o território de Campina Grande e se tratavam de tribos já domesticadas” (SEIXAS, 1975, p.55). Por serem mais próximas e por ficarem localizadas em regiões estratégicas para a capitania, esses aldeamentos destacavam-se.

Boqueirão, além de ter tido um papel significativo na ocupação interiorana da Paraíba, na década de 1950 tem um arranjo de holofotes concentrados em sua direção. Pois, sediará uma dita obra “faraônica” nos seus arredores. Em virtude das mazelas deferidas pelas secas irregulares, os governos em conjunto, o Federal e o Estadual desenvolveram algumas estratégias para a população se equipar contra a desnudez de elementos proferidos aos habitantes da região Nordeste, pela seca. Na Paraíba, foram projetadas algumas barragens e outros meios para se armazenar água para longas datas, facilitando com isso, a organização da população em períodos de estiagens.

Quando idealizou-se a barragem, vulgo “Açude de Boqueirão de Cabaceiras”, o “Açude de Boqueirão” como hoje é proliferado na linguagem local, ou como “Açude Epitácio Pessoa” em homenagem ao único Presidente da República paraibano, o intuito dos governos era projetar algo que pudesse abastecer a população e animais por muitos períodos. Mas, além disso, desde a década de 1930 que o Brasil vinha se inserindo em um projeto modernizador e suas grandes cidades estavam em constantes mudanças urbanas. Próximo à Boqueirão está situada Campina Grande, que antes de 1950 estava sofrendo com crises hídricas, e com essa pauta, os governos instituíram o projeto da barragem, já que a região tinha uma forma geográfica propícia à formação de um Açude, como viria a se formar.

A construção do Açude de Boqueirão se iniciou no ano de 1951, com finalização em 1956. Tendo uma duração de seis anos. Uma obra destas dimensões requer muita qualidade, organização, materiais especializados e muitos trabalhadores. Dado que, nesse período, não tinha-se a facilidade em termos de maquinários que encontramos na atualidade à disposição, quando vamos executar qualquer tipo de obra extensa. Além disso, precisava-se de pessoas qualificadas para sistematizar a organização da obra, e com isso, a localidade passou a receber ondas elevadas de pessoas para trabalhar.

Teve-se uma migração para esse local com intuito de ancorar-se para adquirir fins econômicos e instabilidade para suas famílias. Ou as pessoas migravam interestadualmente para estados próximos, ou recorriam a outras regiões brasileiras para garantir a sua sobrevivência. A construção do Açude com duração estendida era uma oportunidade de estabelecer-se no local e conseguir enquadrar-se dentre os trabalhadores na construção.

Em 1957 a obra já havia sido concluída e foi inaugurada pelo próprio Presidente da República do período, Juscelino Kubitschek de Oliveira, o JK. O qual veio observar em primeira mão, a conclusão do Açude. Já no ano de 1958, tem-se a elaboração da Adutora Boqueirão-Campina Grande. Essa movimentação na região rendeu mais interesse e destaque para o local, e com isso, serviu de metal precioso para os que almejavam fazer um “pé de meia”.

Quando ouvia-se falar em Boqueirão antes de 2010, associava-se a cidade ao manancial e a agricultura praticada a partir da utilização da água do Açude. A cidade carrega o simbolismo memorialístico de sua obra no cotidiano local e regional. E isso, é representado para as pessoas, pelos cidadãos, pelas notícias, pelos jornais, pelas memórias e por tantos outros meios de disseminação de informação. Pesavento (2012) nos apresenta sobre isso, por meio da discussão do conceito de representação.

Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das *representações* que constroem sobre a realidade [...] *representar* é, pois, fundamentalmente, estar no lugar de, é presentificação de um ausente; é um apresentar de novo, que dá a ver uma ausência [...] a *representação* não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele [...] *as representações são também portadoras do simbólico*, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão [...] *a força da representação* se dá pela sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social (PESAVENTO, 2012, p. 21, 22. Grifos nossos)

A cidade era representada pelo simbolismo da agricultura e pela grandiosidade que a sua obra hidrográfica representava para a sociedade. Pois, no dia a dia dos cidadãos o Açude é tido como motivo de orgulho e esperança. O lema simbólico que caracteriza Boqueirão em regiões próximas e nela própria é “a cidade das águas”. Está estampado no desenho geográfico da urbe e na memória diária. As pessoas caminham diariamente pelo balde do Açude e circulam pelas ruas, praças, escolas, feira, etc. Mesmo sendo um visitante ele poderá observar algo

relacionado à representação simbólica exibida por vários locais. Desde o portal de entrada, em seguida, a fonte no primeiro girador, e ainda, uma praça em formato de peixe. Pesavento (2007) ressalta o quanto uma cidade é uma explosão cósmica constante.

A cidade é um microcosmo que contém o mundo” [...] cidades são pedra, aço, ferro, vidro, bano, equipamento, traçado. [...] imagens de cidade são representações [...] elas são, todas elas, marcas de uma cidade sensível que um dia se impôs ao olhar, à técnica e às emoções daqueles que as traduziram em imagem (PESAVENTO, 2007, p.22,23).

O espaço urbano é um narrador literário que contará uma história e as imagens presentes nele serão os personagens protagonistas e antagonistas. O enredo é escrito através das andanças dos cidadãos que constroem as letras e palavras por meio dos seus caminhos, que levarão à edificação dos parágrafos textuais, embebidos pela tonicidade da história da cidade. Pois, uma cidade narra sua história por meio dos seus signos representativos, que começam desde a simbolização de um rio e uma serra, à rede de palavras tecidas cotidianamente no ideário poético e literário.

2.1 Borbulhar das correntes literárias na cidade de Boqueirão

Esse cenário ganha modificações com o nascimento do movimento literário nos corredores da cidade, e principalmente nas salas e cozinhas dos boqueirãoenses. A literatura chegou para os habitantes de Boqueirão atrelada à cultura. Os primeiros incentivos para os festivais culturais incluíam dança, música e teatro, e se caracterizava-se como “Balaio Cultural”. Evento cultural que a partir de 2007 entrelaçou-se à literatura e iniciou o “engatinhar” da atividade literária local. Essa primeira atividade literária intitulou-se “Parede Poética”. Na parede poética como o próprio nome nos lembra, havia poeticidade e ela estaria escrita nos papéis e no ambiente para o público. A historiadora e também poetisa Carneiro (2009, p.36) evidencia isso:

Era o Balaio Cultural, evento que reunia dança, música e teatro, e, a partir daquele ano, também literatura. Para Jane, “uma das melhores e maiores experiências da sua vida como poetisa”; foi daí, então, que o movimento literário começou a ganhar força em Boqueirão com a primeira Parede Poética.

O primeiro intuito era uma exposição com poemas, mas, houve mais do que isso e foi um sarau poético. As primeiras a lançar mão da ideia de uma exposição eram as poetisas engajadas em plantar uma semente, que poderia germinar regando-se com palavras e determinação. Mulheres que fizeram a diferença em uma cidade que era “invisível” para a literatura. Essas poetisas, podem ser consideradas fundadoras de algo extenso, a Associação Boqueirãoense de Escritores - Abes e a Festa Literária de Boqueirão - Flibo. São elas: Jane Luiz Gomes, Magna Vanuza Araújo e Mirtes Walesca Sulpino. Elas foram as primeiras a provocar a avalanche literária, uma possibilidade para derrubar muros e construir uma identidade literária para a cidade.

Esse primeiro momento é compartilhado entre elas e também com outros escritores locais. Alguns deles foram Marilândia Pereira, Malcy Negreiros e Aparecida Farias. Além deles, houve ainda a presença de uma atriz, Marlene Pereira que apresentou-se fazendo declamações de alguns poemas. Esses escritores locais ganharam destaque com a formação de um círculo de ideais entre eles, o qual, posteriormente seria a Associação Boqueirãoense de Escritores – Abes e o prelúdio da formação da Flibo.

Os rios e as letras formam correntes profundas que ficam marcadas nos locais que passam, assim pode ser elucidada a Abes e a Flibo. A cidade deixa de ser reconhecida apenas por cidade das “águas” e é construída outras representações. Consideramos que ela passará a carregar no seu cotidiano, a poesia, a escrita, a leitura e a força da união de escritores locais que buscam valorizar-se e enfatizaram o potencial que ela tem. Para isso, há a formação de uma Associação de Escritores em Boqueirão e a pauta de uma problematização, como fazer para que esses pontos pautados acima fossem enfatizados e construídos. Discutiremos abaixo a formação da Abes, seus representantes, seus objetivos e ações.

CAPÍTULO II - ENCONTROS POÉTICOS E O NASCIMENTO DA ASSOCIAÇÃO BOQUEIRÃOENSE DE ESCRITORES – ABES

“O mar à minha volta está cheio de cheiros distantes, rastros de fragrâncias, fios de memória.”
- Raquel Naveira

A Associação Boqueirãoense de Escritores nasce através do ideal poético de alguns cidadãos boqueirãoenses, dentre eles, mulheres de fibra que acreditaram na construção de um seio literário e cultural na cidade de Boqueirão. Pois a literatura semeia a terra e busca uma germinação fértil que prospere bons frutos. A Abes pode ter semeado uma semente literária no cotidiano e colhido um fruto distinto, a Flibo. Que manter-se-á angariando novos admiradores a cada ano que é realizada. Com fundação em 28 de fevereiro de 2009, a Associação enfatizou o cenário literário, abrindo portas para o reconhecimento dos fundadores pelas pessoas locais e incentivando a inserção da leitura, para poder tentar cultivar um público leitor ativo.

Vale salientar que grandes ideias não surgem em um piscar de olhos, são construídas aos poucos, com a ajuda de cada um, que está ali, lutando para isso. A Abes e a Flibo podem ser pautadas como símbolos de resistência. Os primeiros passos dados foram no afeto dos lares dos poetas e poetisas. A poesia está em nossos olhos e ao nosso redor, basta enxergarmos. O nosso lar carrega memórias, e esses (os poetas) tinham uma bagagem abarcada pela poesia e por um sonho em comum.

Carneiro (2009) faz menção a várias pessoas que contribuíram e acreditaram no potencial para a construção da Abes e da Flibo. Uma delas é o boqueirãoense, cordelista e professor, Kléber Gomes de Brito.

Quando a associação de escritores ainda não era de fato a Associação de Escritores, mas um grupo de escritores/escritoras; quando esse grupo começou a se reunir, eu achei uma coisa fantástica, que era o fato de essas pessoas que produziam poemas e que escreviam, estarem juntas para compartilhar as suas ideias, os seus textos e isso veio a trazer uma nova visão, lembra o professor, poeta e cordelista Kléber Gomes de Brito. (CARNEIRO, M. W. O. S/ Revista Correio das Artes, 2009, p. 37)

Kleber e sua esposa Rute Rávilla Alves Ferreira da Silva Figueiredo atualmente tem um projeto incentivador no âmbito da leitura na cidade, o projeto Mini Biblioteca⁴ particular. Idealizado por Rute, a partir da vivência em uma das edições da Flibo. Uma situação a fez repensar o que fazer com a sua Mini Biblioteca, para que ela também pudesse chegar a outros lares que poderiam estar ansiando as palavras. Os dois, são leitores assíduos. Rute pode ter enxergado nesse projeto, a oportunidade de contribuir para a formação de um público leitor, através do poder conferido à dança das letras. Que produzem ensaios poéticos, imaginários, líricos, abstratos, etc. As letras são como uma orquestra, juntas e harmônicas. E cada um, interpreta de uma forma a sonoridade na sua vida. São pessoas como essas que projetam sonhos não para si, mas para aqueles que desejam sonhar juntos com eles. A Abes teve motivos para florescer, pois havia chuva para regar as sementes e abrigo para protegê-las enquanto germinavam.

Quando iniciamos algo, traçamos objetivos para que isso seja feito passo a passo e dê certo. A Abes tinha objetivos e Carneiro (2009, p. 38) explana um pouco sobre eles:

Desta forma, a ABES foi criada com o intuito de reunir poetas, contistas, cordelistas, cronistas e também amantes da literatura em geral, para formar na cidade de Boqueirão um movimento lítero-cultural e dar visibilidade à produção literária desses autores. Assim, a ABES se apresenta como uma associação de escritores não apenas para escritores, mas para todos que gostam e valorizam a cultura da cidade [...]

Uma Associação que buscava ter em seu seio uma multiplicidade de identidades culturais que contribuíssem para a formação literária, cultural, espacial e memorialística da cidade. Ela pode elucidar uma nova possibilidade de leitura na cidade, a literária. Precisamos ler a cidade, dilatar nossa pupila sobre sua historicidade. A Abes veio a propor o início da valorização da cultura literária em Boqueirão. A construção de algo em conjunto é uma explosão de sentimentos e multiplicidades, uma representação de cada um, que assim como um leitor, será reinterpretada e incorporada com novos sentidos.

⁴ <https://fb.watch/5txKeRbdOq/> Entrevista de Rute Rávilla Alves Ferreira da Silva Figueiredo concedida a TV Itaré para o quadro Diversidade, com exibição em 23/03/2021. Está disponível em vídeo no Facebook e através do link. Nela, ela fala sobre o Projeto Mini Biblioteca em Boqueirão e o quanto alguns boqueirãoenses almejam os livros e a leitura. Ela tem fichas que fazem o controle semanal de livros emprestados, e com isso, ela contabiliza a quantidade de leitores. Os livros são da sua Biblioteca Particular que é compartilhada com seu esposo Kléber Gomes de Brito. Alguns são doações feitas com intuito de aumentar o acervo para os leitores da cidade. Além disso, ela também aborda a importância do projeto como ponto incentivador para alguns jovens de Boqueirão, que só conseguiram ter o hábito de leitura, através do contato, com a Mini Biblioteca.

3.1 O Balaio Cultural

Antes da fundação da Abes em 2009 e do projeto Flibo em 2010, a Prefeitura Municipal de Boqueirão através da Secretaria de Cultura e do Centro de Formação Artística de Boqueirão (CEFAR) realizava um movimento artístico-cultural que incluía dança, música, teatro, literatura e cultura. Era conhecido como o Balaio Cultural. O Balaio foi fundado no ano de 2005 e teve grande repercussão na cidade durante algumas edições. Chegou a ter em sua grade de eventos apresentações em conjunto com a Abes, além de muitas participações de artistas regionais da Paraíba e de outros estados.

Como qualquer evento que surja no âmbito cultural, a busca por parcerias para angariar recursos para o desenvolvimento do projeto é amplificada. O Governo do Estado da Paraíba, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Associação Boqueirãoense de Escritores – Abes apoiavam o Balaio. Vale salientar que a Abes como Associação institucionalizada só passou a apoiar, após a sua fundação. Mas, os seus escritores, poetas, poetisas, cordelistas e amantes da literatura já participavam das ações.

Sua programação cultural chamava a atenção do público boqueirãoense e de outros locais próximos. Tendo realização direcionada ao segundo semestre de cada ano e com ênfase no mês de novembro. Seu fundador foi Erasmo Rafael da Costa⁵ que atuava como Secretário de Cultura de Boqueirão desde a fundação em 2005⁶ e até a 5ª edição, ele ainda era secretário. Teve-se um pequeno impasse e a 5ª edição, que ocorreria em 2010, foi cancelada. Porém, ocorreu no ano seguinte. Para Andrade, Brito e Sousa (2013) o Balaio iniciou-se em 2006 e abarcava múltiplas ações que fomentaram o âmbito local e regional.

O Balaio Cultural, evento iniciado no ano de 2006, grande divulgador e fomentador da produção local e regional que se popularizou pela diversidade de atividade que contemplam vários segmentos como dança, cultura popular, música, poesia, teatro, cinema, exposições, palestras, debates, cursos, oficinas, intercâmbio entre artistas e seminário avançado de arte e cultura. (ANDRADE; BRITO; SOUSA, 2013, p. 45)

⁵ <http://sistemas.funarte.gov.br/codanca/form5.php?cod2=133> neste site, podemos encontrar o cadastro de Erasmo Rafael da Costa, inscrito na Coordenação de Dança – Codança, da Fundação Nacional de Artes – Funarte. Acesso em 04 de Junho de 2021

⁶ No site da Coordenação de Dança – Codança da Fundação Nacional de Artes, temos a data de fundação do projeto, em 2005! <http://sistemas.funarte.gov.br/codanca/form5.php?cod2=133> Acesso em 04 de Junho de 2021

A 5ª edição (2011) representou o auge desse evento, atraindo um público considerável nas apresentações artísticas, como a do cantor Geraldo Azevedo na praça pública do Bairro Novo. Na edição de 2013 o Balaio fez um roteiro interligado com outras cidades. As apresentações ocorriam no clube do CEFAR, mais conhecido como o clube municipal; na Hitz, casa de show particular e na praça pública do Bairro Novo.

O Balaio Cultural pode ser caracterizado como um levante inicial para abrir os olhos dos cidadãos boqueirãoenses para ações interdisciplinares entre arte, cultura, cinema, literatura, dança, teatro e outras manifestações culturais. O incentivo da Secretaria de Cultura e dos outros órgãos governamentais fez com que ocorresse um evento deste calibre, devido, principalmente, às atitudes de algumas pessoas empenhadas em construir um ideário cultural para a cidade. Um balaio é um cesto de palha que tem várias utilidades e serve para guardar muitas coisas, desde comida a outros adereços. O Balaio de Boqueirão colecionava memórias e as palhas entrelaçam cada história passada pelas praças, pelo palco, pelo cochichar da plateia, formando um cesto memorialístico. Para Bosi (1994, p. 418) “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história”.

Como vimos, o Balaio Cultural teve uma ligação com as pessoas que viriam a ser membros da Abes e com a própria Abes, após a sua fundação. Carneiro⁷ (2021) nos descreve como isso ocorreu. Segundo ela, começou com uma impressão de poemas e terminou em exposição em *banner* com poemas de vários membros associados. Assim, surgiu a Parede Poética. Um projeto análogo ao existente em João Pessoa. Os projetos e ideias são releituras, reimpressões, que mudam seus personagens, mas mantém a mesma funcionalidade.

Acontecia lá no *Clube Municipal*. E aí o secretário Erasmo nos convidou para fazermos uma exposição de poemas, né? Ai, eu disse, olha a gente pode fazer uma *Parede Poética* né? Ele disse não, então, a gente faz algo bem simples, vocês imprimem os poemas de vocês e a gente prega lá nas paredes do Clube. Ai eu disse - olha eu acho que vai ficar muito fraco [risos] se a gente fizer dessa forma, é,. - Deixa eu sugerir, deixa eu dar uma ideia, por que a gente não faz *banner*? Porque eu já conhecia o projeto Parede Poética lá do SESC, de João Pessoa. (Grifos nossos - Mirtes Waleska de Oliveira Sulpino Carneiro. 2021 – Entrevista I)

O Sarau Parede Poética, como ficou conhecido na cidade, era a apresentação de poemas escritos pelos autores locais, mas não comportava apenas poemas, ia além. Era um pequeno evento que surgiu em conjunto ao Balaio Cultural e que ganhou ênfase após a primeira edição.

⁷ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

O próprio nome já nos leva a refletir que seja algo exposto em paredes e que contenha poeticidade em sua execução. Os *banners* com os poemas foram impressos pela Secretaria de Cultura que atuava fortemente naquele período. A exposição ocorreu ao lado do Clube Municipal, onde hoje está localizada a Pizzaria Cavalcante. A manifestação cultural contou com a participação de dez escritores e o Sarau em si, ocorreu em outro local.

O Sarau Parede Poética, em 2007, reuniu poesia, música, teatro e a dramatização de alguns poemas de outros autores da cidade, a exemplo de Marilândia Pereira e Malcy Negreiros. Diante da repercussão do trabalho literário começou-se a pensar numa forma de agregar outros autores da cidade. Foi nesse cenário que surgiu a ABES, fundada em 28 de fevereiro de 2009. (CARNEIRO, M. W. O. S/ Revista Correio das Artes, 2009, p. 38)

O Sarau foi executado em um salão de eventos, que hoje encontra-se desativado. Esse salão fica ao lado da praça pública do Bairro Novo. Mirtes Carneiro, em uma de suas falas, menciona algo de extrema importância para o nosso diálogo, que é a questão da falta de conhecimento literário no ideário memorialístico da cidade. “E assim, eu acho, que pra mim foi um marco porque as pessoas nos paravam na rua e perguntavam, o que é sarau? Como é que vai ser isso, que vocês vão fazer?” (CARNEIRO, 2021)⁸. Podemos perceber, que nesse período alguns boqueirãoenses, questionavam-se. A descoberta de algo novo chamava a atenção. Se deparar com uma palavra nova, um movimento... nos levanta a curiosidade e as pessoas ficaram inquietas, até poderem fazer parte e entender o que se passava. A partir dos movimentos poéticos podemos considerar que há uma possível união para iniciar a formação da Abes, a qual iremos conhecer um pouco mais, abaixo.

3.2 O nascimento da Associação boqueirãoense de escritores - Abes

A Abes surgiu em meio a um cenário que parecia haver uma ansiedade pelo conhecimento literário, em que os moradores poderiam sentir-se atraídos pela proposta da Associação. Os lares boqueirãoenses poderiam germinar essa semente, através das reuniões nas casas dos amantes das palavras. “A Abes surgiu em 2009, ela foi fundada em 28 de Fevereiro de 2009, porém antes da fundação da Abes, nós fazíamos alguns encontros, e... que eram pequenos

⁸ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra. Não há menção a páginas, pois é referente à entrevista, concedida à autora em 2021.

saraus na minha casa” (CARNEIRO, 2021). Dessas reuniões ideias eram discutidas e possivelmente viriam a ser geradas e postas em prática, posteriormente.

Datas carregam simbolismos e memórias, e o dia 28 de fevereiro de 2009 é o nascimento (oficial) da Abes, e também, a partir do ano de 2011, ficará conhecido como o Dia Municipal do Livro e da Leitura na cidade de Boqueirão. Projeto instituído por Paulo da Mata Monteiro, pela Lei nº 971/2012, que no período, atuava como vereador. Ele fez parte do grupo de pessoas que atuavam em prol de uma cidade literária. Hoje, Paulo é historiador e professor em uma das escolas estaduais de Boqueirão, além de ter sido membro da Abes.

Na Abes há uma participação maior do público feminino e para Carneiro (2018, p.35) “Surge em Boqueirão, no interior da Paraíba, no ano de 2009, a Associação Boqueirãoense de Escritores (ABES), fundada, entre outros, pelas poetisas Jane Luiz Gomes, Magna Vanuza Farias e Mirtes Waleska Sulpino”. Nos é enfatizado a presença de três mulheres como possíveis fundadoras da Associação e há um ponto relevante, pois, na atualidade ela continua a ter majoritariamente mulheres em destaque nas organizações das tarefas e em sua direção.

Quando a Abes foi fundada organizou-se da seguinte forma em relação a distribuição de funções. Para a Diretoria, Presidente e Vice-presidente, respectivamente, Mirtes Waleska de Oliveira Sulpino Carneiro e Jane Luiz Gomes. Para a Secretária, Maria Aparecida de Farias e Magna Vanuza Araújo. Para o setor financeiro, como Tesoureira, ficou Lucicleide Maria de Lima; para a Direção da Biblioteca e de Patrimônio, ficaram em sequência, Lúcia F. Batista e Paulo da Mata Monteiro. E por fim, para o setor de Eventos, Malcy Negreiros e Marlene Pereira. Esses membros foram nomeados para ficarem nesses cargos de 2009 a 2011. A quantidade de membros inicialmente era de dez pessoas. Porém, com o passar dos anos a Associação recebeu variados membros e alguns permanecem até hoje, como é o caso da Presidente, Mirtes W. O S.C.; outros, seguiram novos caminhos.

A Associação pode ter desempenhado um papel de construção que podemos comparar ao da Associação Casa Azul, que promoveu a criação da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP) em 2003, pautando a importância da cultura e de suas ações perante a sociedade. Assim, como afirma Maseda e Gibrail (2010, p. 1) :

A Associação Casa Azul entende que a cultura é um veículo poderoso para mudanças profundas no modo pelo qual a população faz uso dos espaços urbanos. Por isso a escolha de criar um festival de cultura, a Festa Literária Internacional de Paraty – Flip, que promove a literatura e potencializa

transformações nas áreas de infraestrutura urbana, preservação do patrimônio e educação.

Assim como a Abes, a Associação Casa Azul também possui em seu seio uma biblioteca, sendo ela, a Biblioteca Comunitária Casa Azul. Uma das diferenças entre as duas, é que a da Abes não funciona ativamente para o público, só quando há a execução das festas a cada ano. Um ponto de uma possível disparidade em relação aos intuitos das Associações, é que a Casa Azul tem uma proposta urbanística atrelada à Flip advinda do fundador e atual diretor da Associação, Mauro Munhoz, e na Abes podemos considerar que não poderia haver esse objetivo.

Um dos objetivos da criação da Abes era a possibilidade de poder construir na cidade de Boqueirão, um movimento que interligasse literatura e outras manifestações culturais. Movimento esse, que possivelmente consolidou-se e permanece edificando-se. Para Carneiro⁹ (2021) “hoje a ABES não é apenas uma Associação de escritores. Então acabou se for...é se tornando mais uma associação cultural”. O público que compõe a associação leva como propósito em comum, o amor pelas palavras e suas implicações na sociedade boqueirãoense.

Isso, possibilita a inserção de pessoas de variadas idades e áreas. Segundo Carneiro (2021)¹⁰ a Abes conta com doze membros atualmente, mas esse número deve aumentar devido a alguns convites feitos neste ano. Os convites foram estendidos para professoras que vinham atuando na Flibo em diversas edições. As professoras escolhidas foram: Andreza Paula Matias, Fabnice Bernardo, Jéssica Nascimento Silva, Priscila Custódio de Brito Silva e Rute Rávilla Alves Ferreira da Silva Figueiredo. Todas elas são professoras que atuam em busca de propiciar a construção de uma sociedade leitora e cultural, além de também poderem representar o público feminino.

A professora Rute, como já mencionado acima, tem o projeto da Mini Biblioteca particular na cidade, que serve de inspiração, base de apoio e incentivo à leitura para muitas

⁹ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra. Não há menção a páginas, pois é referente à entrevista, concedida à autora em 2021.

¹⁰ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra. Não há menção a páginas, pois é referente à entrevista, concedida à autora em 2021.

peessoas, como o caso da professora e membro da Abes, Priscila Custódio. Priscila relata¹¹ em entrevista o quanto o projeto de Mini Biblioteca foi fundamental para a sua formação como leitora e também, o que pode ter possibilitado em sua caminhada literária. Hoje, ela tem um instagram literário em que faz postagens de reminiscências e poesias. Além de participar de bate-papos literários, lives e rodas de conversas sobre a escrita e a poesia. Podemos considerá-la um exemplo de fruto do projeto e também da Flibo, a partir de alguns pontos. Primeiro ela foi participante da Flibo como aluna, segundo como voluntária e agora será parte da comissão da Abes e comissão organizadora da Flibo como professora e poetisa. A Abes já promoveu muitas ações desde sua fundação em 2009 a atualidade e abaixo destacamos algumas delas.

3.3 Ações promovidas pela Abes e o germinar da Flibo

“Em 2009 a Associação promoveu o Concurso Literário “Boqueirão, minha cidade” em comemoração ao aniversário da cidade de Boqueirão. O conclave recebeu cerca de duzentas inscrições” (CARNEIRO, 2009, p.38). O aniversário da cidade ocorre em 30 de Abril e a independência municipal ocorreu em 1959, quando houve o desmembramento da cidade de Cabaceiras. E com isso, no mês de abril as escolas e a cidade respiram ao redor da comemoração do aniversário e do seu simbolismo. Nesse ano de 2021, ela completou 62 anos de emancipação.

Esse concurso visava incentivar a escrita poética dos boqueirãoenses. Era a primeira ação da Abes, como Associação. Rememorar o aniversário da cidade com memórias afetivas através da linguagem escrita é uma forma de construir novas memórias, que interligam o passado e o presente. A linguagem é elemento socializador da memória coletiva.

Para Bosi (1994, p. 408 - 411) “Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares e profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo”. Lembrarmos de algo que já aconteceu, que foi construído há muito tempo e que vivenciamos é uma maneira de rememorar. Vivemos em uma constante busca pelo que já passou. Pois, fazemos comparações entre os dois momentos vividos.

Assim como enfatiza Pesavento (2012, p.57) “enquanto representação, a Memória permite que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa evocada, simplesmente com

¹¹ <https://fb.watch/5txKeRbdOq/> Entrevista de Rute Rávilla Alves Ferreira da Silva Figueiredo concedida a TV Itararé para o quadro Diversidade, com exibição em 23/03/2021. Está disponível em vídeo, no Facebook.

a presença de uma imagem no espírito e com o registro de uma ausência dada pela passagem do tempo”. Naquele mesmo ano ocorreu a exposição do Sarau Parede Poética em outubro e o concurso foi realizado próximo à emancipação política, já a exposição, no segundo semestre, conforme Carneiro (2009, p. 38) aborda:

Realizou também a Exposição Parede Poética “Novos Poetas do Cariri Paraibano”, em cartaz no Sesc Campina Grande, de 13 a 23 de outubro, com as poesias de Gelda Moura, Jane Luiz Gomes, Mirtes Waleska Sulpino, Malcy Negreiros, Magna Vanuza Araújo, Maxwell F. Dantas e Shirley Vasconcelos.

Alguns nomes dos poetas mencionados eram membros da Abes, como o professor Maxwell F. Dantas, que permanece atuante. Gelda Moura, Shirley Vasconcelos e Antônio Travassos Sarinho¹² foram outras pessoas integrantes. Em 2010 teremos a idealização de um feito considerado de relevância para a cidade, segundo os seus planejadores (ás), o nascimento da Flibo. A concretização deu-se no mês de março, mas era algo que caminhava pelas ruas e moradas boqueirãoenses. Segundo o entendimento de seus idealizadores(às) parecia haver um desejo de mudança, de um símbolo de resistência, de uma busca pela construção de uma identidade literária e cultural para a cidade.

O ano de 2010 configurou-se como um ano de intensa movimentação cultural na cidade de Boqueirão através dos trabalhos desses escritores. No mês de março a poetisa Mirtes Waleska Sulpino idealiza junto à ABES a Flibo (Feira Literária de Boqueirão) em parceria com a Prefeitura Municipal de Boqueirão, Sebrae e Governo do Estado da Paraíba. (CARNEIRO, 2009, p.38)

Alguns parceiros contribuíram para a consumação do projeto, como a Prefeitura Municipal que tinha uma Secretária de Cultura atuante nessa fase e pode incentivar a produção poética. Além dela, o Sebrae e o Governo do Estado apoiaram a iniciativa. Atualmente o governo estadual apoia com apresentações musicais no evento, ajuda na sonorização, com o palco e entre outros suportes. Com isso, ele pode promover e valorizar a produção poética dos paraibanos. Conheceremos um pouco mais sobre os apoios e recursos utilizados pela Flibo, no capítulo seguinte.

¹² Antônio é um poeta boqueirãoense que seria um dos homenageados, em uma das edições da FLIBO. No ano em que isso ocorreria, houve o início da pandemia. Ele seria o homenageado da edição de 2020.

A partir de 2010 Boqueirão não era mais só a cidade das águas, era a cidade pioneira no Cariri Paraibano a ter uma Festa Literária de grande porte. Uma mãe para as outras filhas vizinhas, uma possível inspiração, um sonho realizado em conjunto. A Associação não se reduz apenas à Flibo, ela tem outras ações interventoras no campo educacional, artístico, lúdico e cultural. Algo que pode supostamente trazer reconhecimento para todos aqueles que participam como difusores desse movimento.

Além da FLIBO, a ABES realiza exposições de poemas em *banners*, visitas às escolas da cidade, participa de eventos em outras cidades, promovendo um intercâmbio cultural. Promove rodas de leitura para crianças e adolescentes, saraus poéticos na feira livre aos sábados (duas vezes ao ano); semana cultural, envolvendo a produção cultural local, música, teatro e poesia; contação de história nas praças... enfim, um verdadeiro leque de atividades que envolve toda a comunidade e faz ser reconhecidos como escritores por toda a cidade, todos os poetas que são membros da Associação. (CARNEIRO, 2009, p.38)

Em 2010 o poder público conferiu a Abes a titulação de Associação de Utilidade Pública, de acordo com a Lei nº 938/2010, de 22 de junho de 2010. Isso enfatizava a importância do reconhecimento da associação, segundo Carneiro (2009). Além disso, temos outro ponto que agrega na luta pela valorização da leitura e dos livros na cidade, que é o Dia Municipal do Livro e da Leitura na cidade de Boqueirão. Dia que se refere ao dia 28 de fevereiro, data de fundação da Abes. O qual o vereador Paulo da Mata Monteiro em 2011 instituiu através da Lei nº 971/2012 em 06 de março de 2012, como dia simbólico para essa comemoração.

No ano de 2017 a Abes elaborou um projeto intitulado “Prêmio Cactos Amigo da Cultura”, que visava destacar as pessoas físicas e jurídicas e as instituições públicas e privadas que colaboraram na realização na edição anterior, a Flibo de 2016. “É um reconhecimento a todos aqueles que apoiam financeiramente o evento e ainda ajudam doando tempo e talento. A iniciativa premiou cerca de 50 pessoas e acontecerá todos os anos” (CARNEIRO, 2009, p.38). Podemos elucidar que isso é uma forma de adquirir patrocinadores e incentivadores da cultura para haver fomentação no sentido de angariar recursos para as edições da Flibo. Muitas dessas pessoas são moradores e comerciantes presentes na cidade. Quando ocorre a Flibo os patrocinadores e colaboradores são destacados em telões e vão passando no decorrer das apresentações, às vezes são enfatizados via microfone em voz alta.

Desde a sua fundação à atualidade, a Abes promoveu muitas ações a cada ano e também participou de outras além do campo territorial e geográfico de Boqueirão. Enfatizamos algumas delas de acordo com o ano ocorrido e acima já temos algumas citadas. Além disso, o

reconhecimento a ela foi ressaltado por alguns historiadores como a fala de Thomas Bruno, citado por Carneiro (2009).

A recepção em torno desse trabalho cultural foi percebida não apenas na cidade de Boqueirão, mas em todo o Cariri, fato comprovado através do convite feito pelo presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Cariry Parahybano, professor Daniel Duarte, para que os membros da ABES fizessem parte do referido Instituto, como comprovado nas palavras do historiador Thomas Bruno: “Destacamos a participação de nove membros da Associação Boqueirãoense de Escritores – ABES, que ao exibirem *banners* com suas poesias, ‘quebraram’ o protocolo da reunião, levando todos os convidados a apreciar o mural de poesias. Foi notória a empolgação e admiração dos presentes àqueles escritos regionais, que através da rima exaltavam a aura e o povo interiorano da Paraíba, buscando seus misteres mais singulares”. (CARNEIRO, 2009, p.38)

Os membros da Abes receberam convites para integrar-se como membros honorários do Instituto Histórico e Geográfico do Cariry Paraibano em 2009, quando estava comemorando-se o 4º aniversário do referido Instituto. Reunião sediada na cidade de São João do Cariri onde os membros marcaram presença com exposição em *banners* e com a proposta de exaltar a essência da Associação. Esse reconhecimento expressava a valorização da Abes por outras entidades e cidades próximas do Cariri Paraibano.

Na 4ª edição (2009) do Balaio Cultural tivemos uma exposição de Artes Plásticas dos artistas boqueirãoenses nomeada “Valorizando a arte e a cultura dos filhos de Boqueirão” e a Parede Poética da Abes. A exposição aconteceu entre 27 a 31 de julho e visava enaltecer os artistas da terra. Como já mencionado, um dos locais para essas apresentações culturais era o CEFAR. Porém, essa ocorreu na Galeria Neuza Dunga, que ficava incorporada ao Clube.



Imagem 1¹³ – Banners expostos na galeria! Fonte: Blog da Abes

Essa Parede Poética ocorreu de 18 a 22 de novembro de 2009 com os poetas locais da Abes e participação especial do poeta Iponax Villa Nova, o qual fez parte do Balaio Cultural. Muitas são as ações e os frutos possivelmente gerados a partir dessa junção de elementos culturais e literários. E dentre eles temos livros individuais e coletivos, edificados pelos poetas da Abes e outros. Em 2008, Jane Luiz Gomes, uma das incentivadoras da Abes e Flibo publica seu primeiro livro intitulado, “Eu de mim”. Publicado “pela RG Gráfica e Editora de Campina Grande (PB), tendo também participado da Antologia poética novos poetas do Cariri Paraibano (A União Editora, 2010)” (CARNEIRO, 2009, p. 36). Além da publicação individual há a coletiva em que compartilhou com outros colegas poetas. Em 2009, há o relançamento do livro dela e da escritora Mirtes Waleska Sulpino, intitulado “Versos Expressos”.



Imagem 2 – Capas dos livros: “Versos expressos” e “Eu de mim”. Fonte: Blog da Abes

Em outubro, mais precisamente de 13 a 23, os escritores que compõem a Abes realizaram a exposição “Novos Poetas do Cariri Paraibano” no Serviço Social do Comércio (SESC) Centro em Campina Grande. A exposição apresentava temáticas variadas que abarcavam meio ambiente, sociedade, mulheres, entre outras. Além das mostras artísticas a ABES promoveu a 1ª Mostra de Cinema, denominada "Curta ABES". Evento que foi sediado

¹³ A imagem 1 foi retirada do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 19 de Maio de 2021.

na Praça da ABES entre os dias 27, 28 e 29 de julho de 2009. Os filmes buscavam levar o público a refletir sobre o preconceito, as crenças e gravidez na adolescência. Temáticas de grande relevância, principalmente, para o público mais jovem.



Imagem 3¹⁴ – Público contemplando a exibição dos filmes. Fonte: Blog da Abes

Em 2009 foi realizado pela Abes o 1º Concurso Literário e com a recíproca do público demonstrada através do número de inscrições, ele tem novas edições. A motivação instituída por meios desses concursos girava em torno do incentivo à escrita e da divulgação e valorização dos amantes da literatura. “A literatura desperta a consciência e valoriza o que é seu e quem é você, ao mesmo tempo, que o faz conhecer e respeitar o outro” (MASEDA; GIBRAIL, 2010, p. 4).

O 2º concurso ocorreu em 2010 entre 16 de janeiro a 12 de fevereiro, sendo intitulado “Concurso Literário Prêmio Cactos de Poesia Regional 2010”. Nesse mesmo ano temos a 1ª edição da Flibo que será abordada mais à frente e a competição conduzia uma alusão à ela. No Art. 5º do certame são destacados alguns objetivos, dos quais a historiadora Mirtes que compunha a Comissão Organizadora do evento e da Abes, destaca a promoção dos poetas, fomentar a discussão entre artistas e população e descobrir novos talentos¹⁵. Outro ponto

¹⁴ As imagens 2 e 3 foram retiradas do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 19 de Maio de 2021

¹⁵ Os objetivos são destacados no certame que está descrito no Blog da Abes pela historiadora Mirtes. Que fazia parte da Comissão Organizadora da ABES. O link, referente ao Blog <http://Abespb.blogspot.com/2010/> Acesso em 21 de Maio de 2021

relevante se refere a premiação que não seria valor em dinheiro, e sim, um troféu de valor simbólico. Não só a população residente em Boqueirão poderia participar, como também as pessoas que habitavam o estado da Paraíba.



Imagem 4¹⁶ - Convite para participação do Concurso. Fonte: Blog da Abes

Esse Concurso era comemorativo, já que estava preparando o terreno para receber os festejos para a 1ª edição da Flibo, em março de 2010. E contou com presenças ilustres de poetas, artistas e incentivadores no âmbito literário. Conheceremos um pouco mais sobre ela, no próximo capítulo.

Diante de tantos talentos era de se esperar a consumação de muitos projetos em folhas impressas e livros. Gibrail e Maseda (2010, p. 4) “A literatura pode localizar o indivíduo na sua cidade e no mundo, pode transportá-lo para outros lugares e torná-lo outras pessoas, mesmo que momentaneamente, enquanto lê o livro”. As palavras constroem pontes inimagináveis entre as pessoas. Um poema escrito por uma boqueirãoense no estado da Paraíba pode chegar a várias localidades e em muitos lares poéticos, além de poder ter múltiplas interpretações. A disseminação de informação na atualidade faz isso ser possível e mais rápido. É o cotidiano, as memórias, a vida e tantas outras coisas relatadas nas palavras escritas de um escritor.

A partir da exposição dos poemas na Parede Poética um livro coletivo foi edificado. A antologia era intitulada “Novos Poetas do Cariri Paraibano” e teve seu lançamento em março

¹⁶ A imagem 04 foi retirada do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 21 de Maio de 2021

de 2010. No prefácio da obra a professora, poetisa e escritora Maria da Conceição Gonçalves Pereira Araújo tece elogios e admiração aos autores e as suas ações literárias. “Com esta coletânea, de poesias e poetas, nasce no Cariri mais uma estrela de infinita grandeza vindo com ela uma profusão de impactos diante da significação de nossas dores, cores, amores e cânticos...”. Podemos considerar como um primeiro fruto coletivo e publicado. Não teremos só esse, outros virão e serão abordados, no decorrer do capítulo.



Imagem 5¹⁷– Capa do livro referente à Coletânea. Fonte: Blog da Abes

A Abes está interligada com as escolas municipais, estaduais e privadas presentes em Boqueirão. Pois, muitos dos membros são professores(a) nessas escolas e desenvolvem projetos que visam ampliar o desenvolvimento literário dos educandos e a valorização do livro e da leitura, entre outros aspectos. Diante disso, no dia 20 de Abril, o Dia do Poeta Paraibano de 2010 é feito um convite para uma cerimônia de entrega de livros da Coletânea na Câmara Municipal às diretoras das escolas municipais para que eles fizessem parte do patrimônio bibliotecário das escolas. Uma forma de evidenciar os trabalhos dos autores regionais e também, a possibilidade de utilização dos escritos para incentivar o público que fazia parte das escolas a conhecer e escrever, além de poder ser usado nas aulas, os textos.

Essa Coletânea foi disseminada não só em Boqueirão, houve lançamentos em outras cidades próximas, como Queimadas e São João do Cariri. São muitas as atividades planejadas para cada ano, dentre elas, temos as que pautam discussões, lançamentos e palestras de escritores regionais e estaduais. Como o bate-papo literário com a escritora Fidélia Cassandra

¹⁷ A imagem 05 foi retirada do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 22 de Maio de 2021

em alusão ao Dia Nacional do Escritor, que é 25 de julho. O qual teve como temática “A sensualidade na poesia” e a divulgação do seu livro, “Plumagem”.

Ainda em 2010, temos de 10 a 13 de novembro a realização da I Semana Cultural nomeada “Boqueirão em Verso & Prosa”, com ênfase em Literatura e Sociedade. O evento abarcava diversas áreas de conhecimento, como História, Filosofia, Música, Cinema e Fotografia. Além disso, a programação continha saraus poéticos, oficinas de contação de histórias e apresentação na feira livre.



Imagem 6¹⁸ – Convite para participação no evento. Fonte: Blog da Abes

Em 2011 a Associação realizou umas das atividades que pode ser considerada destaque a cada ano, que é a Flibo. E nesse ano, foi a 2ª edição. A exposição “Novos Poetas do Cariri Paraibano” também marcou presença em Sousa no “Literatura em Revista” em 11 de agosto. Ao final do ano citado, em novembro de 16 a 20 o 5º Balaio Cultural estava sendo concretizado. E em parceria com a Abes realizou a exposição “Dentro do sonho há poesia”, constituída de 10 *banners* no “Circuito Literário”. A qual visava enfatizar a literatura, a escrita, o autor e seus leitores. A exibição contou com textos que tinham a pauta em amor, sensualidade, perdas e sonhos e os textos foram escritos pelos membros da Abes.

¹⁸ A imagem 06 foi retirada do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 26 de Maio de 2021



Imagem 7, 8 e 9¹⁹ – Os poemas em forma de banners. Fonte: Blog da Abes

Em 2012, temos a 3ª edição da Flibo com realização da Abes e parceiros. Podemos ponderar que o incentivo é um dos sinônimos da Abes. Seja qual for o evento a primeira pauta é causar o incentivo e a curiosidade. Quando nos sentimos curiosos em relação a algo ficamos na expectativa e queremos descobrir um pouco mais sobre determinado assunto. Isso, gerará aprendizado, de alguma forma. Além do incentivo ao campo literário há outros campos, como o fotográfico. Em Janeiro de 2012 a Abes realizou a 1ª Mostra Fotográfica “Cariri: Retalhos da nossa região”, que ressaltava as belezas presentes na região Nordeste, como a vegetação da caatinga e o dia a dia dos habitantes boqueirãoenses, principalmente da zona rural.

Como citado, o incentivo no âmbito da literatura é uma construção constante dos membros da Abes e Flibo. A representatividade, nos denota isso. “As representações são também portadoras do simbólico (PESAVENTO, 2012, p. 22). No dia 28 de fevereiro não é só uma data comum para os boqueirãoenses, em 2012 ela ganhou mais uma ressignificação, é com isso, que além de ser o aniversário de data de fundação da ABES, tornou-se um dia comemorativo com a alusão ao incentivo à leitura municipal.

¹⁹As imagens 07,08, 09, foram retiradas do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 28 de Maio de 2021

Mesmo sendo uma data relevante para a cidade, digamos que uma parcela dos moradores não sabe disso. Essa data é divulgada nas redes sociais e em eventos anuais nas escolas e em outros promovidos pela Abes. A construção do simbolismo para algo vai muito além de só informar que tal dia é comemorado algo em especial, para estar presente na memória é preciso que esteja inserida em vários momentos e que isso seja parte da sua rotina.

Em mais uma ação que visava possivelmente apresentar os poetas locais, a Abes promoveu a distribuição de sacolas de pão nas padarias da cidade com poesia dos poetas da Associação. A iniciativa intitulava-se “Pão & Poesia” e buscava atrelar poesia e comida, além de fazer uma referência ao Dia Nacional da Poesia, em 14 de março. A proposta era ser distribuída a cada mês, e em março tivemos os textos de Mirtes Waleska Sulpino, Jane Luiz Gomes e Malcy Negreiros. Um “pãozinho” quente em uma embalagem atrativa, com isso, até mesmo ao tomar o café da manhã as pessoas teriam a oportunidade de ler a poesia. O hábito da leitura não significa ler apenas livros, jornais, textos e outros tipos de escritos, ele está nos pequenos trechos também e cada leitura poderá agregar de alguma forma. Ao se deleitar com um poema de manhã, o dia poderá ser visto de uma forma mais leve, já que a poesia pode ser transformadora.



Imagem 10²⁰ – Sacola de pão com os poemas escritos no verso da embalagem. Fonte: Blog da Abes

Em 2013 temos a 4ª edição da Flibo. A cada ano são inúmeras as atividades, e em 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020, tivemos respectivamente, a 5ª, 6ª, 7ª, 8ª, 9ª, 10ª e 11ª da Festa. Todas as edições são promovidas e organizadas majoritariamente pelos membros da

²⁰ A imagem 10 foi retirada do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 28 de Maio de 2021

comissão da Abes e Flibo. Tendo apoio da Prefeitura Municipal de Boqueirão, Governo Estadual, moradores, comerciantes, voluntários, entre outros colaboradores. Vale ressaltar que sem a Associação poderia não ser possível ocorrer boa parte das ações citadas acima, e que no ano de 2020 as ações ocorreram virtualmente, devido à pandemia que nos assola. Para este ano de 2021 a programação segue sendo virtual com palestras, lives, bate-papos literários entre outras atividades. Porém, o que permanece igual é o desejo de construir-se um público literário na cidade.

A Abes e a Flibo promovem também a participação de escolas vizinhas de outros municípios próximos a Boqueirão. Em 2014 na 5ª edição da Flibo iniciou-se um projeto que permaneceu em outras edições, o “Minha Escola na FLIBO” o qual discutiremos mais sobre ele no capítulo seguinte. O convite para participação era direcionado aos diretores e coordenadores das escolas locais e vizinhas e as escolas participantes tinham algumas pautas a serem apresentadas, como declamação de poemas, teatro, dança, música e artes plásticas. O espaço era livre e feito para propiciar o enriquecimento cultural, artístico, literário, musical entre outros pontos.

Como vimos, a relação da Abes e da poesia com os comércios alimentícios presentes na cidade é pautada em ações conciliadoras e construtivas. Em 2015, no mês de julho a Abes organizou em conjunto com a Pizzaria Cavalcante às “Quintas Poéticas”, com o “Sarau Pizza e Poesia 1ª Fornada”. Em 2015 tivemos mais um lançamento coletivo de livro, propiciado supostamente pela amizade literária e resistência de mulheres que não deixaram de acreditar no potencial de si e de seus colegas. O livro é uma coletânea poética nomeada “Retratos Poéticos” e escrita por Jane Luiz Gomes, Magna Vanuza Araújo e Mirtes Waleska Sulpino. Mulheres que, porventura, são de extrema importância para a Abes e Flibo.

Para administrarmos uma empresa, uma Organização Não Governamental (ONG), uma escola é preciso que haja pessoas que sejam qualificadas e responsáveis. Na Abes não seria diferente e em maio de 2015, houve a composição de uma nova diretoria e nela permaneceram alguns nomes enquanto outros foram renovados. Para a presidência e vice-presidência continuaram Mirtes Waleska Sulpino e Jane Luiz Gomes. Como 1ª Secretária permaneceu Magna Vanuza Araújo e 2º Secretário, o poeta e contista Maxwell F. Dantas. Já para os cargos de Diretoria de Finanças, Diretoria de Patrimônio, Diretoria de Eventos e Coordenação Pedagógica, foram nomeados, respectivamente, Francitânia Albuquerque Silva; Aparecida Farias; Ezequiel Oliveira e Juliana Simões; e, por fim, Denise Monteiro. Mudanças em cargos

ocorrem quando há a visibilidade de necessidade para o desenvolvimento dos envolvidos e da empresa, ONG, Associação, etc.

3.4 O incentivo literário e a biblioteca da Abes

O incentivo à escrita literária eventualmente está presente na rotina da Abes. Nos meses de maio e junho de 2017, especificamente, de 12 de maio a 15 de junho a Associação elaborou o “1º Prêmio FLIBO de Literatura” que buscava elucidar a temática do homenageado da 8ª edição da Flibo, “As Canções de Chico Buarque”, que aconteceria de 20 a 23 de setembro daquele mesmo ano. O regulamento pautava a escrita de um miniconto com até 200 caracteres e de acordo com as exigências do regulamento. E para concluir o Prêmio, o resultado dos minicontos vencedores iria ser apresentado na abertura da Flibo.

Agora em 2021 devido à pandemia as atividades da Abes estão sendo realizadas virtualmente. Por meio da página do *Facebook* da Flibo a Associação realizou em 08 de março, o sarau poético “Somos Vento e Poesia”. O evento virtual fazia menção ao Dia Internacional da Mulher e contou com a presença de poetisas e escritoras; sendo elas: Aparecida Farias, Jane Luiz Gomes, Juliana Soares, Magna Vanuza, Marilândia Pereira, tendo mediação da historiadora e escritora Mirtes Sulpino. A divulgação foi feita nas redes sociais, pois buscava angariar mais internautas. Além dele, tivemos em 01 de março um bate-papo sobre livros e leitura com a professora e *bookgram* Rute Rávilla e a poetisa Mirtes Sulpino, o qual fazia alusão ao Dia Municipal da Leitura, 28 de Fevereiro. Rute é detentora de um projeto notável, a Mini Biblioteca Particular, já citado acima.



Imagem 13 e 14²¹ – Cartazes convidativos para os eventos divulgados nas redes sociais.

Fonte: Página da Abes no *Facebook*



Imagem 15 - Cartaz de divulgação - Fonte: Acervo virtual do *Instagram* da Flibo

Em abril desse ano, tivemos também mais um bate-papo literário. Dessa vez, a pauta girava em torno do quanto a escrita literária em rede social é influente. Jey Leonardo e Priscila Custódio são escritores paraibanos, e Priscila pode ser possivelmente considerada uma semente que germinou e floresceu através da Abes e Flibo em Boqueirão. Ela já foi aluna que participou de oficinas, voluntária na Flibo e nesse ano de 2021 foi convidada para compor a Abes. Além, de ter uma página no *Instagram* de cunho literário com postagens autorais escritas a partir do seu cotidiano e sua visão de mundo. Acima, temos o cartaz²² utilizado para a divulgação desse evento literário.

A Abes pode ter promovido visibilidade literária para a cidade e para todos aqueles que se dedicavam em construí-la. Isso era um dos propósitos e ele ao que tudo indica, foi reconhecido. Pois ao falarmos de Flibo, devemos primeiro enfatizar o reconhecimento aos membros da Abes. A Festa Literária de Boqueirão só chegou a abraçar o Nordeste e o Brasil, devido à dedicação conjunta dos membros da Abes.

²¹ As imagens 13 e 14 foram retiradas da página da ABES, no *facebook*. Segue o link <https://www.facebook.com/Abespb> Acesso em 28 de Maio de 2021

²² A imagem 15 foi retirada do acervo virtual, do *instagram* da FLIBO. Segue o link https://instagram.com/Fliboparaiba?utm_medium=copy_link Acesso em 20 de Maio de 2021

Boqueirão peca em relação ao incentivo municipal ao acesso gratuito ao livro e à leitura, pois a cidade tem estrutura e prédios para angariar uma Biblioteca Pública Municipal de porte, mas não tem, até o momento, nenhuma ativa. As únicas bibliotecas que temos são a Biblioteca da Abes e a Mini Biblioteca Particular de Rute, que é a mais ativa no momento. A Prefeitura tem um local que já foi a Biblioteca Municipal, mas se encontra defasado e sem acervo atualizado. O local atualmente é utilizado como setor de Documentos Municipais. A nomeação desses locais é importante para a representatividade e ela é intitulada Dr. José de Oliveira Pinto. Nela não há funcionamento nem acesso ao pouco acervo que lá se encontra. Para a cidade e para os moradores locais não ter acesso a uma Biblioteca Municipal pode ser visto como algo contraditório, já que a própria cidade sedia uma Festa Literária de renome no cenário regional. Quantas pessoas não se beneficiaram com isso? Com acesso ao conhecimento e incentivo à leitura e ao livro.

Em março de 2017 um grupo de pessoas, sendo na maioria alunos das escolas do município e da comunidade em geral, se reuniram e formaram a Comissão Especial da Petição que se denominava: “Por uma Biblioteca Pública Popular renovada e ampliada na cidade de Boqueirão, Paraíba”. A proposta da petição era angariar assinaturas e levá-las para um representante municipal, e com isso, as assinaturas foram entregues ao Secretário Municipal do período José Erivaldo da Silva. Porém, os informes dados em seguida foram que o prédio em que está situada a Biblioteca Municipal passaria por reformas. Vale salientar que em 2017 ainda funcionava o Cartório Eleitoral e que após o encerramento das suas atividades no espaço, a reforma haveria de começar. Uma reforma que ainda não aconteceu, pois ainda em 2021, o local permanece ocupado por atividades que não estão relacionadas à Biblioteca, e sim ao setor de Documentos Municipais.

Uma ressalva em relação à Biblioteca da Abes precisa ser feita, pois ela não funciona ativamente, mas guarda um acervo rico, já que a Associação é inserida em programas de recebimento de livros gratuitos dos órgãos federais e estaduais. Ela é cadastrada na Biblioteca Nacional, que faz distribuição de livros para bibliotecas públicas e comunitárias. Além das doações de autores que participam da Flibo no decorrer de todas as suas edições e as próprias publicações dos membros, com as suas coletâneas poéticas. São várias as publicações tanto coletivas, quanto individuais. As doações são relevantes, pois enriquecem o acervo. A Fundação Espaço Cultural (FUNESC) também faz doações durante as edições e presa por

inserir na biblioteca autores paraibanos. Hoje o acervo geral conta com cerca de 200 livros e revistas, segundo Carneiro (2012)²³.

No ano de 2021 a Abes lançou uma campanha em parceria com o estabelecimento da cidade “Bistrô Pizzaria e Burgueria”, em alusão ao aniversário da cidade em abril e ao incentivo à poesia. Campanha da qual foi intitulada “Boqueirão, 62 anos: Cidade das Águas, Terra das Rimas & Letras”. Nela seriam distribuídos através do delivery e colocados em saquinhos, poesias escritas em suas embalagens com os nomes dos autores, emblema da Abes e Flibo; e *instagram* literário da Flibo. Foram selecionados poemas escritos por dez autores e com temáticas diversas. Sendo eles: Aparecida Farias, Jane Luiz Gomes, Marilândia Pereira, Magna Vanuza, Mirtes Waleska Sulpino, Kléber Brito, Maxwell Dantas, Antônio Travassos Sarinho, Priscila Custódio e Monaliza Ventura.



²³ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

Imagens 16²⁴ – Embalagens feitas para o delivery, parte da frente. E ao lado, a parte de trás com os poemas e o *instagram* da Flibo. Fonte: Blog da Abes

Podemos perceber que entre os autores (a) citados temos membros novatos, alguns estiveram desde o início com a Abes. Iniciativas assim pautam a importância da valorização dos escritores locais, para que com isso, sejam possivelmente reconhecidos pelos seus conterrâneos. Outro ponto expressivo é a Praça da Abes, que concentra as apresentações, a Biblioteca, as barraquinhas de artesanato, as livrarias, as ornamentações em períodos dos festivais literários, etc. É exposto um letreiro com o nome Flibo, livros e decoração inspirada no homenageado e na poesia literária. É um ambiente com caráter acolhedor de memórias, do simbólico e carregado de representações.



Imagem 17²⁵ - O quiosque, sede da Abes. Fonte: Acervo do *facebook* da Abes



²⁴ As imagens 16 foram retiradas do Blog da ABES, referente ao link <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 28 de Maio de 2021

²⁵ A imagem 17 foi retirada da página da ABES, no facebook. Segue o link <https://www.facebook.com/Abespb> Acesso em 01 de Junho de 2021

Imagem 18²⁶- A Praça da Abes, vazia sem ornamentações. Fonte: Acervo do *facebook* da Abes

Como podemos ver na imagem 17, temos o quiosque sede da Associação e onde também fica localizada a Biblioteca. É um pequeno espaço, mas que carrega uma grandiosidade simbólica em seu seio. “A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade” (PINSKY, 2008, p. 166). Esse local representa a luta coletiva de muitas pessoas, uma luta embebida na união, na força, no carinho, na esperança, na vontade de fazer a diferença para uma cidade. Os encontros nos lares boqueirãoenses passaram a ter um ambiente fixo, o qual era representado pela sede da Abes.

Algumas campanhas de doações foram feitas e a imagem 17, fez parte de uma delas. Ele destaca o endereço da Associação e um slogan convidativo. Na imagem 18 vemos a praça em si, com o complemento das outras casas presentes e da paisagem. Essa imagem não abarca os dias festivos, pois ela está vazia, diferente do que acontece nas edições da Flibo, ou em outros eventos promovidos pela Associação. Nela, falta a presença do público, das ornamentações e todo o resto que complementa o espaço.



²⁶ A imagem 18 foi retirada da página da ABES, no facebook. Segue o link <https://www.facebook.com/Abespb>
Acesso em 01 de Junho de 2021

Imagem 18 e 19²⁷ – A praça da ABES na 10ª edição (2019) da Flibo. Fonte: Acervo do *instagram* da Flibo, com autoria da ASCOM Flibo.

Nas imagens 18 e 19 podemos perceber a diferença, em relação às imagens anteriores. Essas imagens foram feitas na última edição presencial da Flibo, uma edição de faceta comemorativa, pois nela podia-se analisar a progressão de crescimento do evento, já que estava completando dez anos de nascimento. Nessas imagens também pudemos perceber que o público está contemplando as palestrantes e apresentações, além de que há a reunião de muitas pessoas da comunidade no local, que pode estar ansiando pela poesia ali exaltada.



Imagem 20²⁸ – Rapaz folheando os livros expostos na Praça da Abes. Fonte: Acervo do *instagram* da Flibo

Na imagem acima, temos um possível sentido emblemático. A partir das vestimentas do rapaz e do cenário ao fundo, temos um gari que faz a limpeza da cidade e da praça, folheando um dos livros expostos. Durante as festas literárias a praça é ornamentada com muitos adereços,

²⁷ As imagens 18 e 19 foram retiradas do Instagram da FLIBO, e foram feitas pela ASCOM FLIBO – Renata Jordão. Estão disponíveis no link https://instagram.com/Fliboparaiba?utm_medium=copy_link Acesso em 01 de Junho de 2021

²⁸ A imagem 20 foi retirada do Instagram da FLIBO. Está disponível no link https://instagram.com/Fliboparaiba?utm_medium=copy_link Acesso em 01 de Junho de 2021

como luzes, livros, detalhes rústicos, entre outras coisas. Alguns livros são pendurados nas árvores ao redor da praça e ficam a disposição do público, sendo a maioria livros infantis que contêm mais imagens. A leitura de imagens é tão necessária quanto a feita em palavras, pois ela abarca a população analfabeta, as crianças que ainda não aprenderam a ler as palavras e tantos outros. Ela desencadeia a curiosidade, nessas pessoas.

A Abes, está sempre em busca da inserção cultural e literária para o público. Sem ela, podemos supor que não teríamos Flibo. Dessa forma, identificamos nela a base para a formação de uma sociedade literária na cidade de Boqueirão. Ela é a alavanca de um motor que gira com as águas do açude e com as letras que constroem a poeticidade nos lares dos cidadãos boqueirãoenses. Os membros que a compõem são sonhadores que almejam sonhos para além de si, e isso pode ser visto como algo instigante e gratificante. Os lares poéticos formam fios de memória que constroem um mar, com fragrâncias aromatizadas pelos distintos cotidianos entre si, proporcionando assim o nascimento e o florescimento de muitas flores, provavelmente, como a Abes e Flibo.

CAPÍTULO III – A FLIBO ENRAIZOU-SE!

“Uma "Rosa do Povo" germina em Boqueirão. Um eco de poesia dali; um caso contado acolá; contos e crônicas fervilhando por aí, e uma radícula de Literatura de forma, e se inquieta, e quer brotar. Quando as condições ambientais são favoráveis, a semente germina. Uma raiz feita de letras quer romper o solo da inércia, ver a luz de uma aurora poética. E ela rompe. Vê-se agora um caule: ele está lá, entre macambiras e xiquexiques, entre pedras e preás, ao regalo de um vento sem direção, mas sob um sol acolhedor. (Maxwell F. Dantas - Membro da ABES, 2011)²⁹

A Festa Literária de Boqueirão conhecida popularmente como (FLIBO), é tida como uma semente que foi plantada com muito afeto, amor, dedicação, união e tantos outros atributos que são enfatizados pelos seus responsáveis. A força da coletividade pode proporcionar projetos inspiradores. Como podemos ler nas palavras de Maxwell (2011), membro atuante da Abes, “Quando as condições ambientais são favoráveis, a semente germina”. Condições construídas por um grupo de pessoas que almejavam algo em comum. Mas, que condições seriam essas, que na visão de Maxwell, geraram frutos? Quando plantamos uma semente escolhemos uma terra boa, a preparamos, para em seguida lançarmos ela na terra e ficarmos na espera da germinação e prosperidade para a colheita e seu florescimento. Para Maxwell (2011) a “Rosa do Povo” estava sendo regada e desabrochando em Literatura, na cidade de Boqueirão.

O tempo passa, o vento empurra, o sol aquece, a imensidão de um açude inspira, enquanto versos e parágrafos se entrelaçam e se retorcem, formando sutilmente galhos e espinhos: a Rosa está a caminhos! Desses galhos surgem vozes, surgem visões, surgem razões e delírios: um frêmito de arte se mistura à seiva desta planta, cujas folhas, viçosas, anunciam o desabrochar da Literatura em Boqueirão. Sou capaz de ouvir Drummond dizendo: “[...] um ouvido mais fino que escuta, um peito de artista que incha, e uma rosa se abre [...]”. É Drummond... nós cultivamos essa Rosa, e nos regozijamos com o perfume de suas pétalas. Reguem, reguem essa Rosa, e propaguem o seu perfume” (Maxwell F. Dantas - Membro da ABES, 2011)

Segundo ele, o perfume desta rosa é para ser espalhado pela cidade, nas localidades vizinhas e em outros estados e cidades. O aroma tem a pretensão de ultrapassar a fronteira municipal. Fala-se de Flibo pela região Nordeste, pelo Brasil. Ela tornou-se inspiração para a idealização de suas irmãs mais novas como a Feira Literária de Campina Grande (FLIC), que teve sua 1ª edição em 2018, nove anos depois, da 1ª edição da Flibo; assim também, como a

²⁹ Texto lido no encerramento da 2ª edição da FLIBO – 2011 – Ele foi escrito pelo membro da ABES, Maxwell F. Dantas. O texto foi retirado do Blog da Abes, segue o link - <http://Abespb.blogspot.com/> Acesso em 06 de Junho de 2021

Festa Literária de Pocinhos (FLIPOCINHOS), que teve sua 3ª edição em 2020 e iniciou-se em 2018. Esse movimento de nascimento de Festas Literárias pelas cidades Paraibanas desencadeou-se após o desabrochar da Flibo (2010) e de sua repercussão positiva de acordo com a percepção dos envolvidos e receptores.

Isso pode ser percebido a partir das divulgações midiáticas, em jornais, artigos em revistas, matérias sobre os lançamentos das edições e nas publicações poéticas dos autores regionais. Tivemos outras cidades aderindo ao movimento e que buscaram assim enfatizar a importância da leitura, do livro e da formação de uma cidade leitora em seus objetivos. Para Lau Siqueira (2019)³⁰, poeta e escritor paraibano, esses festivais inspiram outros semelhantes. Além disso, eles podem carregar problematizações pautadas em objetivos em comuns. Para ele, “O livro e a leitura têm impacto estruturante no desenvolvimento de uma cidade, um estado, um país”. Uma cidade, tende a ser modificada de acordo com as mudanças construídas pelos seus cidadãos. Uma ação que envolva muitas pessoas e que tenha objetivos semelhantes, poderá gerar novas percepções no cotidiano de uma cidade, e até mesmo, abranger localidades maiores, como um estado ou país. A estrutura modifica-se, conforme a recepção da sociedade.

A partir do nascimento da Flibo (2010) podemos perceber que há uma construção de festival/festa/feira literária nas demais cidades e localidades paraibanas, inspiradas no modelo desenvolvido em Boqueirão. Essa pauta é embasada na lista de algumas festas, festivais e feiras literárias que foram sendo construídas a partir de 2010 na Paraíba. Das quais, já foram elencadas duas acima. Além delas, temos o Festival Literário de Barra de São Miguel (FLIBARRA) – (2014) que inicialmente recebe o nome de Feira Literária de Barra de São Miguel e depois é renomeada para Festival Literário de Barra de São Miguel em 2018; a Feira Literária de Itabaiana (FELITA) – (2017), a Feira Literária de Piancó (FELIPI) - (2017), a Festa Literária de Mãe D’água (FLIMA) - (2018), a Festa Literária de Monteiro (FLIMON) - (2018), a Feira Literária de Pedras do Fogo (FLIFOGO) - (2018), a Feira Literária de Areia (FLAREIA) - (2019), o Festival Literário de Bananeiras (FLIBANANEIRAS) - (2019), a Festa Literária de Cajazeiras (FLICA) - (2019), a Feira Literária de Queimadas (FLIQ) - (2019) entre outras.

– Acredito que hoje a Flibo representa uma grande experiência literária, não só para Boqueirão, mas para toda a Paraíba. A partir da Flibo outros municípios começaram a realizar seus festivais literários. Hoje temos de 15 a 18 municípios que fazem ou irão fazer este ano o seu festival. Vejo a força que

³⁰Texto disponível na íntegra no Blog <http://lau-siqueira.blogspot.com/2019/11/as-feiras-literarias-da-paraiba.html>. Acesso em 12 de Agosto de 2021

esses eventos têm, porque permite o diálogo com os escritores, levar as discussões literárias para a escola, para a praça. Esse é o papel principal dos festivais literários na Paraíba, vejo como uma política do livro, do acesso, da comunicação. As editoras também participam. (AQUINO, L. G. Revista Correio das Artes, 2019, p. 10)

A Paraíba tem inúmeras cidades, e dentre elas, temos as que destacam-se pautando a importância de produzir conhecimento literário para os seus habitantes. Segundo Aquino (2019), foi por meio da Flibo que outros locais passaram a construir seus festejos. Além disso, ele enfatiza a questão da interação de escritores, com diferentes públicos, o escolar, o do dia a dia, etc. Siqueira e Aquino (2019) compartilham dos mesmos valores, quando se referem aos festivais e semelhantes. Vale ressaltar, que o público participativo desses festivais é variado. Nossa pesquisa pauta a Flibo e discutiremos um pouco sobre os demais públicos que participam da Festa, como as pessoas integrantes da ação literária e os ouvintes. Conheceremos um pouco mais sobre eles, a partir da análise dos formulários, mais adiante. Agora, vamos conhecer um pouco sobre a formação e o enraizamento da Flibo, no cotidiano dos boqueirãoenses e dos respectivos participantes, ao longo das edições.

4.1 A construção da Festa Literária de Boqueirão – Flibo

Como destacado no capítulo anterior, a Flibo é atrelada à Abes. Sem as ações organizadas pelo pessoal que compõe a Associação, a festa poderia não ter chegado ao ponto em que se encontra. A Abes nasceu de objetivos em comum que foram direcionados para a construção de algo além das rodas de conversas, das trocas de poemas, do convívio pessoal. As duas germinaram próximas. A Abes em 2009 com sua fundação e a Flibo em comemoração ao primeiro aniversário da Associação, entre 18 e 21 de março de 2010. “A arte poética ou literária tem o poder social de transformar uma cidade, de criar uma identidade própria e de se tornar um divisor de águas” (CARNEIRO, 2009, p.35). A cidade de Boqueirão, recebeu a inserção de algo novo em seu cotidiano. O evento semelhante à Festa que já tinha ocorrido na cidade era o Balaio Cultural, mas apresentava-se em outro formato. A Flibo caracteriza-se por seu seio literário, sua forma de organização, recepção e objetivos pautados na formação de leitores, escritores e disseminação da arte literária.

Dos encontros e saraus poéticos, surgiu a ideia de fazer um grande encontro de poetas, com sarau, música e teatro, como bem lembra a poetisa. Assim surgiu a Flibo (Feira Literária de Boqueirão). A princípio idealizada por Mirtes, foi abraçada por todos da associação. O projeto foi apresentado ao secretário de Cultura da época, que viabilizou com recursos públicos a realização da

primeira edição da feira [...] No mês de março a poetisa Mirtes Waleska Sulpino idealiza junto a ABES a Flibo (Feira Literária de Boqueirão) em parceria com a Prefeitura Municipal de Boqueirão, Sebrae e Governo do Estado da Paraíba. (CARNEIRO, M. W. O. S/ Revista Correio das Artes, 2009, p. 36, 38)

A idealização da Flibo parte do intuito de poetas e pessoas que compartilharam um ideário em comum, primeiro pensado como um encontro de poetas intitulado I Encontro de Escritores Paraibanos, mas houve mudanças. “O projeto foi feito e encaminhado à Secretaria de Cultura do Município, em busca de apoio. Mas fugiu um pouco da ideia original e virou a Festa Literária de Boqueirão” (AQUINO, 2019, p. 9). Vale salientar que esses poetas se reuniam em suas casas e em saraus, como a Parede Poética, que na sua primeira exposição de poemas advindos dos integrantes da Associação, houve a participação da população. E os saraus ganharam força, a partir da Abes. “E assim, eu acho, que pra mim foi um marco, porque as pessoas nos paravam na rua, e perguntavam, o que é sarau? Como é que vai ser isso que vocês vão fazer?” (CARNEIRO, 2021)³¹. A partir da fala de Carneiro (2021) em relação ao conhecimento de alguns populares boqueirãoenses, podemos presumir que precisava-se de uma formação literária para a cidade. Digamos que seja fundamentado nesses pontos que o ideário para a construção da Flibo consolidou-se.

O projeto Flibo primeiramente foi apresentado à Associação, para logo em seguida ser discutido com o Secretário de Cultura da época e com representantes do Governo do Estado. Quando um projeto se inicia, o primeiro passo dado é a busca por pessoas, contribuintes, colaboradores, patrocinadores, parceiros... para angariá-lo. E isso, também ocorreu na Flibo. Apresenta-se o projeto e espera-se que ele seja aprovado, e que firme parceiros. Para Carneiro (2021) alguns parceiros tiveram uma parcela muito importante para que o projeto fosse executado, como o professor José David Campos Fernandes³² que foi subsecretário de Cultura do Estado da Paraíba; mas é necessário salientar que no período de construção do projeto havia

³¹ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

³² José David Campos Fernandes é Doutor em Linguística, Mestre em Ciência da Informação e Especialista em Arte Educação e Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal da Paraíba. Professor Titular do Departamento de Comunicação (1985-2019) e membro do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFPB. Trabalha na área de Comunicação, com ênfase em Linguagens Visuais e Produção de Conteúdo Audiovisual. Atua principalmente nos seguintes temas: jornalismo; processos de produção jornalística; cultura, discurso e representações midiáticas, editoração, televisão, televisão digital, educação a distância, relações públicas, publicidade e propaganda e gramática do design visual. Dirigiu a Editora da UFPB, o Pólo Multimídia e a TVUFPB. Foi Subsecretário Executivo da Cultura do Governo da Paraíba, órgão que coordena a política cultural do Estado. Dirigiu o Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB no período 2011-2020. Texto fornecido pelo autor (com adaptações nossas), na Plataforma Lattes. Acesso em 05 de Setembro de 2021.

só uma Subsecretaria vinculada à Secretaria de Educação, o professor José Helder Pinheiro Alves³³ da UFCG e outros que foram agregando sua caminhada a da Flibo.

Isso, da UFCG. Então né, foi um parceiro desde a 1ª edição Helder Pinheiro, e fora os professores da cidade e os próprios escritores que realmente abraçaram e se empenharam para realizar. Porque assim, na Associação tem os escritores e tem aquelas pessoas que não escrevem, mas que são essenciais para que a FLIBO aconteça né. Aí eu cito Cleide, Luciana que são pessoas que tão sempre lá. Tem a própria Luíza. Luíza abre a ABES na quarta-feira e só fecha no domingo, quando a gente encerra tudo. Então essas pessoas são essenciais, nesse processo da construção da FLIBO. (Grifos nossos - Mirtes Waleska de Oliveira Sulpino Carneiro. 2021 – Entrevista I)

Além desses professores de outras localidades, o apoio interno da cidade com os professores, escritores, os colaboradores que estão presentes em muitos momentos da execução da festa e todos aqueles que de alguma forma contribuem para o crescimento da Flibo são parceiros enfatizados por Carneiro (2021). Um ponto relevante sobre os membros que compõe a Abes é que nem todos são escritores. Carneiro (2021) traz esse ponto que nos leva a refletir sobre o sentido de coletividade e determinação, pois, mesmo não sendo escritores estão inseridos em uma Associação e na Festa. São cidadãos que podemos propor que sentiram necessidade de mudanças no cenário local e viram-se inseridos em uma oportunidade para isso.

Após a apresentação do projeto e da busca por parcerias governamentais, tanto estaduais quanto municipais, o projeto seguiu. Para o subsecretário José David Campos Fernandes, pelas lentes de (CARNEIRO, 2021): “Só o fato de ter partido da sociedade civil, então eu acho que vale a pena a gente investir. Ele disse até assim, “quem faz cultura é o povo”, nós temos obrigação de apoiar” haver a participação da sociedade civil em um projeto assim, era de suma importância. A sociedade pode contribuir para a construção de algo, ela pode movimentar-se e rebelar-se. Muitos processos históricos ocorreram a partir do levante de setores da população que reivindicam melhorias, sejam econômicas, sociais, políticas, culturais etc. Temos as Revoluções do século XVIII³⁴ para demonstrar isso, e tantas outras, que se desenvolveram até o presente.

³³ José Helder Pinheiro Alves tem Graduação em Letras - Faculdades Integradas de Uberaba (1983), Mestrado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (1992), Doutorado em Letras (Literatura brasileira) pela Universidade de São Paulo (2000) e Pós-doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004). Professor Titular em Literatura Brasileira na Universidade Federal de Campina Grande, PB. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, poesia, literatura infantil e literatura de cordel. É membro do GT Literatura e ensino da ANPOLL. Texto fornecido pelo autor, na Plataforma Lattes. Acesso em 05 de Setembro de 2021.

³⁴ Algumas das Revoluções do século XVIII foram a Independência Americana, a Revolução Francesa e a

Podemos ter assim, como os primeiros parceiros consolidados no momento inicial, os integrantes da Abes, os professores locais, os professores de outras cidades e pessoas mais próximas dos idealizadores. Já em relação a parceiros de ações governamentais, tivemos a presença da Prefeitura Municipal de Boqueirão, o Sebrae e o Governo do Estado. Isso para a 1ª edição pois ao longo das edições novos parceiros foram adicionados. Atualmente a Flibo já contou com o apoio governamental do Governo do Estado, FUNESC, Sebrae, Prefeitura Municipal de Boqueirão, Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), UFCG E Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Cada parceiro apoia de alguma forma, em relação ao suporte financeiro atuaram a Prefeitura Municipal de Boqueirão, o comércio local e pessoas da sociedade civil boqueirãoenses. Os comerciantes passaram a contribuir a partir da 4ª edição (2013) e o público pertencente à sociedade civil colabora, mas não divulga seus nomes, apenas é representado o simbolismo das suas contribuições. À assistência dada pelo Governo do Estado é relacionada à questão de estrutura e sonorização demanda som, palco e apresentação musical para compor a grade de shows culturais do evento.

Já no que se refere às demandas dadas pela Prefeitura Municipal, estão incluídos alguns gastos com as Festas. A verba é utilizada para custear alimentação, hospedagem, cachês, etc. de pessoas que vêm participar como palestrantes, oficinairos, vendedores de livros, que venham contribuir de alguma forma para as edições da Flibo. Mas para que isso seja custeado, uma planilha de gastos é apresentada antes, e com isso, ela posiciona-se contribuindo determinados valores que chegam a subsidiar toda uma edição da Flibo, ou apenas ajudar em boa parte dela. São valores diferentes, a cada edição.

Outro apoio fundamental são as colaborações feitas pelas Universidades, sendo elas UEPB, UFCG e UFPB. Essa parceria com as instituições é direcionada em suporte gráfico, que inclui os panfletos com programação das edições, material para execução das oficinas nas escolas; como pastas, bloco de anotações, palestrantes, oficinairos etc. e também com os professores e alunos. Os professores e os alunos constroem palestras, minicursos e bate-papos em torno das temáticas enfatizadas a cada edição e também em relação ao amplo campo em que é inserida uma Festa Literária. Nas primeiras edições os nomes dos palestrantes vinham determinados pelas Universidades, isso até a 7ª edição (2016). Após essa edição o pessoal

Revolução Industrial. As quais demonstram o levante da população e a força advinda da sociedade para mudanças no cenário político, social, econômico, cultural, etc. Revoluções que influenciaram e influenciam os movimentos atuais com os seus ideais.

interessado entrava em contato com a Abes e a organização da Flibo para se informar sobre a abertura das oficinas, e com isso ofertá-las nas ações da Festa.

Falamos de alguns apoiadores, as universidades, os professores e alunos universitários, os professores locais, os comerciantes boqueirãoenses e o pessoal que está engajado em ajudar de alguma forma. A rede de colaboradores que se forma em favor da Festa contribui de acordo com o que podem dar. Alguns participantes, palestrantes, oficinairos, cantores, atores, fotógrafos deslocam-se para a Flibo sem receber valores em dinheiro, o famoso *cachê*. E para custear as despesas de alguns a rede de colaboradores entra em ação, pois possibilita ajuda em relação a hospedagem, alimentação e auxílio no custo do transporte.

Além disso, a Abes e a Flibo têm geração de recursos financeiros para ajudar com isso também. Eles confeccionam camisetas antecipadamente ao evento, para que com isso, possam vender antes e durante os dias festivos da Festa Literária. Como dito no capítulo anterior, a Associação tem um quiosque na praça da Independência como base, e nele tem a biblioteca e também o bar. Nos dias de execução do evento ele se transforma em bar, com vendas de bebidas para arrecadar recursos. Sendo assim, podemos considerar que mesmo diante das dificuldades para os recursos financeiros, a Festa ocorre de certa forma, pois a rede de colaboradores carrega o evento e consegue realizá-lo.

Fazer um festival literário no interior não é fácil e os organizadores da Flibo enfrentaram várias dificuldades. A maior delas envolve a logística, como hospedagem, iluminação, cadeiras, palco, som, iluminação. Para isso, há que se ter vários parceiros: prefeitura, governo, universidades, comércio. E unir forças: alguém cuida do palco, outro do material gráfico, um terceiro da fotografia e por aí vai. (AQUINO, L. G. Revista Correio das Artes, 2019, p. 10,11)

Aquino (2019) vem reforçar o que já vínhamos discutindo, essa questão da realização de um festival literário e suas dificuldades. Ele nos enfatiza a Flibo destacando alguns obstáculos enfrentados, além de ressaltar a importância dos parceiros e da união para concretização da Festa Literária. Para além de ser só um festival literário, é uma festa cultural.

A Flibo iniciava como uma Festa, que poderia gerar frutos. O interessante em relação a ela é que na sua 1ª edição já teve participações de pessoas relacionadas a grandes festivais literários, como a participação de Cristina Maseda, que atuava como Coordenadora da Festa Literária Internacional de Paraty – FLIP em 2010. Cristina nos traz uma reflexão acerca de projetos literários e de uma possível progressão positiva deles ao longo dos anos. “É preciso acreditar neste tipo de projeto. Nós começamos desta forma lá em Paraty e hoje já conseguimos

realizar um evento de repercussão internacional que revoluciona a cultura e o turismo da nossa região”, disse Cristina” (CARNEIRO, 2009, p. 39). A partir de Carneiro (2009), a fala de Maseda é incentivadora e denota pontos favoráveis em relação às festas literárias. Sua participação foi além de só estar presente no evento, Cristina realizou a palestra intitulada “FLIP – reinventando a cidade a partir da Literatura” que destaca a relevância das feiras literárias. Sendo assim, podemos propor que a Flibo também poderá alcançar um grande potencial, conforme ocorrerem as edições ao longo dos anos.

A Flibo como qualquer evento ao ser organizado tem um planejamento para a definição de datas e programações. Nas primeiras edições, especificamente a 1ª (2010), a 2ª (2011) e 3ª (2012) ocorreram no primeiro trimestre de cada ano. Mas houve mudanças nas próximas, devido à participação das escolas que foram introduzidas na 4ª edição (2013). Pois, as escolas não tinham como trabalhar e planejar as atividades pautadas na Flibo com os alunos, já que estavam no início do ano letivo. Com isso, a partir da 4ª edição (2013) a 11ª edição (2020) todas foram executadas no segundo semestre, variando entre os meses de agosto, setembro, outubro e novembro.

No que concerne aos dias em que aconteceram as edições também se realizaram alterações. Nas três primeiras edições os dias ficaram distribuídos das quartas-feiras aos domingos, durando cinco dias. Da 4ª edição (2013) até a 10ª (2019) os dias ficaram organizados das quartas-feiras aos sábados. Na 11ª (2020) edição virtual, os dias foram de sexta a domingo. Portanto, temos respectivamente o evento em cinco dias, depois em quatro dias e por último em três dias. Pois, a nossa pesquisa segue até a temporalidade de 2020. Conheceremos um pouco mais detalhados os dias, os temas e as edições nos próximos tópicos.

Livro, leitura, sebos, livrarias, leitores, literatura e festa literária estão interligados, fazem parte do mesmo universo e algumas palavras têm derivação do mesmo substantivo primitivo. No decorrer das edições a exposição de livros, folhetos de cordel, revistas em quadrinhos, mangás, etc., foi crescendo. Já passaram pela Festa algumas livrarias e sebos. Em 2014 na 5ª edição a Livraria Nobel de Campina Grande esteve presente, por meio do convite dos organizadores. Segundo Carneiro (2021) havia a necessidade de uma formação de um público consumidor de livros, pois as vendas no início eram acanhadas. Podemos considerar que para ocorrer uma disseminação das vendas na cidade, uma construção literária deveria ser realizada em meio aos cidadãos boqueirãoenses.

Na 8ª edição (2017) da Festa o Sebo Cultural Móvel de João Pessoa integrou a programação, trazendo preços acessíveis e variados. Uma das diferenças entre as livrarias e os sebos, que também são livrarias só que em outro formato, é que nos sebos há mais acessibilidade

de valores nos livros, pois a maioria deles são usados. Já as livrarias destacam-se pelas vendas de livros novos e que requerem um maior valor nos produtos. Segundo Carneiro (2021), o Sebo vendeu bem quando veio, devido aos seus preços de cinco, dez, quinze e vinte reais nos seus livros. Além desses dois, temos também o comparecimento da Livraria Universitária de Cajazeiras, a convite de Mirtes. Regina e Bonifácio que comandam essa Livraria e sempre que podem, estão participando das edições da Flibo. Ao deslocar-se para Boqueirão, podemos considerar que há uma leve contribuição para o comércio local, pois eles hospedam-se na cidade e também geram renda para algumas pessoas que ficam encarregadas de trabalharem na livraria nos dias de evento da Festa. A seguir, temos um relato de Carneiro (2021):

Em 2019 eu não tava, mas as meninas me contaram, elas estavam organizando a praça, e chegou um menininho mais ou menos na hora do almoço né, e queria... chegou lá pra comprar um livro e Seu Bonifácio tinha fechado, colocado a lona por cima e tinha ido almoçar e descansar um pouco para retornar à tarde. E ele tava com cinco reais na mão e queria comprar um livro né. As meninas disseram, “ele foi almoçar e só vem mais tarde”. E ele fez, “não eu vou esperar, porque se não alguém compra, e eu quero comprar muito”. E aí ele entrou na ABES, e as meninas disseram, “então espere aqui dentro, pra você não ficar só aí”, aí ele entrou na ABES, e disse, “e aqui vende livros também?” E ela disse, “aqui é uma biblioteca”, e ele disse, “eu posso ler?” E aí ele ficou... a tarde passou que ele nem viu né, ele ficou lá dentro... tem gibi, livros infantis... E aí depois ele foi comprar o livro dele né. (Grifos nossos - Mirtes Waleska de Oliveira Sulpino Carneiro. 2021 – Entrevista I)

A partir da fala de Carneiro (2021) podemos levar em consideração que houve a construção de um público leitor e consumidor. Nesse caso, o público pode ser o infantil e também outros públicos, como jovens, adolescentes e adultos. No relato em questão, podemos enfatizar o setor infantil. Digamos que o crescimento pode ter sido gradual, de acordo com cada edição do evento. Em 2019 a Flibo encontrava-se na 10ª edição, e em dez anos, as mudanças podem ser perceptíveis na cidade.

A Festa atende a vários públicos durante toda a programação das edições, desde o infantil, com as atividades matinais e durante a tarde e ao público mais velho, os jovens, adolescentes, adultos e idosos. Durante as noites, há várias apresentações de peça, de palestras, de show, de todo um arcabouço cultural e artístico. Nas noites, tem-se o pessoal que habita a praça da Abes mais cedo, o grupo dos idosos e os que se deslocam mais tarde para os shows, o pessoal mais jovem. Em dez anos de Flibo, temos grupos distintos, famílias, grupos de amigos, pessoas que se interessam por eventos semelhantes ao modelo apresentado na Festa. Portanto, podemos inferir que há a presença de um público variado, tanto para o mercado consumidor, quanto para contemplar as apresentações.

Para guiar as edições temos eixos temáticos advindos das escolhas dos homenageados e iremos conhecer um pouco sobre os homenageados e as edições mais à frente. Agora, conheceremos a Flibinho, a Marcha Literária, e a organização das escolas, da praça e das apresentações.

4.2 Flibinho

Ao falar de Flibo seu diminutivo também é lembrado, a Flibinho. Na 4ª edição (2013) a Flibinho passou a fazer parte da grade da Flibo. A Flibinho como o próprio nome demonstra é algo com conotação infantil, ela foi inserida na programação a partir de uma necessidade, segundo a presidente e organizadora Mirtes. Essa lacuna seria a falta de ações educativas e literárias para o público infantil, ou seja, a educação infantil. Muitas das ações ocorreram à noite, e por isso, ela ficou concentrada nas atividades durante o dia. A Flibo foi uma das primeiras feiras a ganhar destaque no Nordeste, como Festival Literário em ruas, pois tínhamos as Bienais de Alagoas, Pernambuco, Ceará etc. A partir disso, pegamos um exemplo de Feira/Festa/Festival que tem reconhecimento internacional, a Flip, e que começou sua caminhada em 2003, e no ano seguinte, em 2004 nasceu a Flipinho, para termos um comparativo.

Da interação entre a intensa atividade intelectual dos cinco dias da FLIP e as instituições pedagógicas locais brotaram gradualmente a Flipinha – programação infantil da FLIP, a *Ciranda de bonecos, as oficinas de leitura, a Biblioteca da Flipinha* com seus mais de oito mil livros infantis, doação de acervo para escolas e instituições, que somam, até 2010, 32 acervos de, aproximadamente, 300 livros e tantas outras iniciativas, criando bibliotecas em todas as escolas da rede municipal de ensino de Paraty. *Tudo com o objetivo de convidar as crianças a apalparem, saborearem e utilizarem esta ferramenta fundamental para toda e qualquer interpretação ou atuação sobre o mundo, a palavra, a partir de sua expressão máxima, a literatura.* (MASEDA; GIBRAIL, 2010, p. 2. Grifos nossos).

Na Flipinho muitas ações ocorrem pautando alguns objetivos, principalmente o incentivo à leitura e à formação de leitores na educação infantil. Maseda e Gibrail (2010) enfatizam um objetivo geral que envolve o conhecimento da palavra, sendo ela representada pela literatura. Sendo assim, a Flibinho pode ser considerada uma alusão a Flipinho. Na Flibinho temos o programa “Minha Escola na FLIBO”, que constitui a base para que haja a

interação entre as escolas da cidade e outras escolas de cidades vizinhas, e a própria feirinha infantil.

O programa é atrelado a programação diurna e concentra muitas crianças nas suas atividades. As ações que são atribuídas a Flibinho são as apresentações das escolas locais e convidadas, além de outras pautas que ocorrem entre as apresentações, como contação de história, teatro de fantoches, sarau infantil e brincadeiras. Além de que na praça da Abes, há a decoração com livros pendurados e expostos para a leitura e a biblioteca da Abes. Portanto, podemos perceber que há uma relação entre as duas feiras infantis, pois pautam objetivos semelhantes e um deles em comum, a incitação à leitura e à literatura.

4.3 Marcha literária

A Flibo pode ter muitos sinônimos, e podemos ponderar a Marcha Literária e a colaboração dos voluntários como alguns deles. A Marcha é o ponto que marca a abertura do evento, a anúncio para os cidadãos boqueirãoenses e para aqueles que aguardam o evento. Ela é enfatizada pelos organizadores com um sentido convidativo, incentivo para que a população participe da Festa, uma mobilização para impulsionar. Também podemos considerar que ela é lançada para gerar curiosidade na população e fazer com que ela busque se informar o que seja aquilo que está acontecendo na cidade.

Além de ter a intenção convidativa, Aquino (2019, p.10) “criada a marcha literária convidando as pessoas, mas ainda não tinha a presença da população no evento” ela abarca outro ponto, a formação de um público para a Flibo. Ao longo da Marcha pela cidade o pessoal que organiza a Festa utiliza-se de microfones para fazer os convites, de carros com sons, de algumas bandas marciais das escolas participantes e de outras escolas locais para contribuir com a passeata e de muitos colaboradores para arranjar as crianças durante a caminhada.



Imagem 21³⁵ Marcha Literária na 8ª edição (2016) da Flibo. Fonte: Blog da Abes

A passeata percorre as principais ruas da cidade e encerra-se na Praça da Abes. Na imagem, podemos ver a presença de alunos, muitas crianças, voluntários, carro com o som, banda marcial e organizadores guiando a Marcha. É nesse meio e na estrutura da espinha dorsal da Flibo que se destaca a presença de pessoas consideradas relevantes para que a ação aconteça, os voluntários. Os voluntários fazem parte da Festa

a partir da 4ª edição (2013) quando a professora Denise coordenou alunas da escola em que ela dava aula, e com isso, a prática do voluntariado ficou popular nas outras edições. No questionário da nossa pesquisa, teremos pessoas que foram voluntários e hoje participam ativamente da organização de toda a Festa.

O voluntariado possibilita ao voluntário alguns aspectos, como a validação da sua participação na Flibo através da emissão de certificado. Muitos desses voluntários são também universitários e sua colaboração contará horas para a carga horária extra da universidade. Nas edições seguintes à mencionada acima, fazia-se inscrição para que houvesse o comparecimento. A partir de uma possível popularização do evento e da função de voluntário, eles ofertavam-se sem a necessidade de inscrição. Nas últimas edições o voluntariado tornou-se fixo, sem inscrições. Vale salientar que para ser voluntário, havia um treinamento e divisões das tarefas.

³⁵ A imagem 21 foi retirada do Blog da FLIBO, referente ao link <http://Flibopb.blogspot.com/> Acesso em 01 de outubro de 2021

Para o planejamento e organização da Flibo, como organizar a praça, oficinas, marcha literária, escolas, Flibinho, voluntários (preparação), programação é constituída uma equipe, e cada um, ficará designado a suas funções. Mirtes com programação, Francitânia coordena as equipes que ficam com as escolas, Jane Luiz, Magna Vanuza e Fabenice com a Flibinho, Jane Luiz e Magna com os voluntários, que virão a ser a equipe que ficará na praça nos momentos de execução das atividades, Luciana, Cleide e Luiza com a organização da praça e quase todos na marcha literária, devido à quantidade de crianças. E as outras pessoas, algumas professoras não citadas vão encaixando-se nos setores que se identificam. A Flibo, a Marcha Literária e as escolas da cidade interligam-se fortemente, pois podemos considerar que sem a presença das escolas intervindo para que o alunado frequente a passeata, ela poderia não exibir o caráter coletivo. Uma, completa a outra. Conheceremos um pouco sobre a organização das escolas e também da praça da Abes, abaixo.

4.4 Organização das escolas e a praça da Abes

A Flibo pode ser considerada sinônimo de incentivo à leitura e à formação de leitores, além de outros pontos relacionados ao âmbito educacional. A participação das escolas não se realizou em conjunto ao nascimento da Festa em sua 1ª edição, ela foi sendo inserida no decorrer das edições. E na 4ª edição, há a inserção das escolas públicas na rotina dos festejos literários. Boqueirão é um município abrangente em questão territorial e que abarca várias escolas. O município tem em seus limites escolas municipais que constituem a maioria, escolas estaduais e escolas de rede privada. Em relação à participação das escolas na Flibo, há tanto da rede pública quanto da rede particular. As públicas foram inseridas antes das privadas, às quais só encaixaram-se na 8ª edição (2017).

Além das instituições presentes no município, o intercâmbio com localidades vizinhas é proposto. E na 6ª edição (2015) com o programa Minha Escola na Flibo, foi possível iniciar essa troca de saberes. Esse programa é uma cooperação entre a Abes e a Secretária de Educação de Boqueirão. As escolas vizinhas vêm participar com apresentações na praça da Abes, com alunos ouvintes, com a presença de professores, com espectadores e apreciadores do evento. A particularidade no que concerne às escolas fixadas na cidade são as ofertas de oficinas, minicursos, palestras em seus prédios e as apresentações de música, dança e teatro na praça pública.

A partir do “Minha Escola na FLIBO” pode-se considerar que houve um aumento da participação das escolas além da cidade e que ele possibilita experiências múltiplas. Em 2015, tivemos nove escolas boqueirãoenses com alunado dos segmentos do maternal ao ensino médio. E em relação às escolas participantes, estiveram presentes mais de dez colégios pertencentes às cidades de Caturité, Campina Grande, Cabaceiras, entre outras. Além disso, houve o comparecimento de alunos de outro estado para participarem das oficinas, que foram os alunos de Currais Novos (RN) e de algumas cidades paraibanas: São Domingos do Cariri, Nova Palmeira e Queimadas.

Para ocorrer esse movimento de trocas de conhecimento é preciso que haja um diálogo dos organizadores da Festa com os representantes educacionais das instituições e da Secretária de Educação Municipal. A parceria é direcionada às diretoras e coordenadoras, para que com isso, haja uma organização do calendário de atividades pautadas na temática apresentada a cada edição. Podemos considerar os professores como peça fundamental para desenvolver as temáticas em sala de aula, com o alunado. Dessa forma, a escolha do tema e do homenageado podem ser atribuídas como peça relevante para o diálogo com as escolas.

Nos anos iniciais da execução da Flibo, as edições ocorreram no primeiro trimestre, mas isso modifica-se devido à questão das escolas. Com o evento acontecendo no início do ano, as escolas não poderiam trabalhar com seus alunos e professores a temática, e isso, pode ser considerado como fator para a mudança de datas do evento. Além disso, há mudanças em relação ao local de apresentações que passa a ser em praça pública, a da Abes.

No início, a Flibo era realizada em espaços fechados. A partir da terceira edição, houve dificuldade de patrocínio junto ao poder público. A Flibo, então, é levada para praça pública. Também foi transferida para o segundo semestre, criada a marcha literária convidando as pessoas, mas ainda não tinha a presença da população no evento. “Até conseguir isso, levamos de seis a sete anos. Esse trabalho de envolver as escolas, de fazer com que alunos desde a educação infantil participem, acabou formando um público maior para Flibo com o tempo”, diz Mirtes. (AQUINO, L. G. Revista Correio das Artes, 2019, p.10)

Aquino (2019) enfatiza a questão da mudança de local que ocorreu na 3ª edição (2012), os recursos financeiros instáveis, um dos objetivos da marcha literária, aspectos com relação a progressão das escolas no perpassar dos anos e uma perspectiva de formação positiva, no que concerne à concepção dos ouvintes, sendo ela, advinda da interação entre escola e Flibo. A transição do espaço, poderá ser representada como uma nova fase para a Flibo, que poderá ter trazido uma nova concepção para o ideário da Festa.

“O historiador é aquele que, a partir dos traços deixados pelo passado, vai em busca da descoberta de como aquilo teria acontecido, processo este que envolve urdidura, montagem, seleção, recorte, exclusão” (PESAVENTO, 2012, p. 31). Precisamos buscar entender o que leva a uma modificação ter acontecido e o que ela representou para a sociedade, e em nossa pesquisa, para os cidadãos boqueirãoenses.

A partir da 3ª edição, então a gente começou a fazer na praça... Isso, na Praça da Abes. Porque a gente resolveu fazer na praça? Olha só, tinham pessoas que queriam muito participar! Eu digo porque assim, eu recebi esse *feedback*, mas não se sentiam confortáveis em entrar na Hitz. Porque achava que aquele espaço ali não era elas [...] Pessoas que, assim, de certa forma queriam muito participar, mas não... “ah eu não tenho nem roupa pra ir, né”. E aquilo ali, me doía! Apesar de ser um evento gratuito, aberto [...]Todas as pessoas podiam participar, então veio a ideia de nós fazermos na praça, né! (Mirtes Waleska de Oliveira Sulpino Carneiro. 2021–Entrevista I)

Carneiro (2021) nos ressalta um dos motivos que teria levado à modificação do ambiente. Antes de ocorrer na praça a Flibo ficava centralizada no CEFAR, o clube municipal, na casa de show Hitz e só algumas atividades aconteciam na praça. Pois, a maioria das programações realizavam-se nesses espaços, que podemos supor que eram vistos por algumas pessoas como ambientes elitizados, e por isso, enfatizavam essa questão de não lhes caber, no local. Podemos considerar que essa visão precisa ser desconstruída, para assim, construir-se a ideia de uma Festa para todos em meio aos populares. O deslocamento, talvez conseguiu gerir essa mudança. Pois, a partir do fragmento de Carneiro (2021) e da participação dos seus retalhos de memória testemunhados nas suas vivências, podemos problematizar essa questão. “A história oral permite o registro de testemunhos e o acesso a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado” (PINSKY, 2008, p. 155). As memórias relatadas a partir do uso da história oral, são fios de uma colcha de retalhos que correlaciona as vivências do passado e presente e nos dá uma possível interpretação dos fatos ocorridos.

Ainda no que tange às escolas, vale ressaltar algumas das participantes e como é distribuída as organizações das oficinas nelas. As escolas a seguir, são as que têm oficinas realizadas em seus ambientes, há também as outras escolas que colaboram de outras formas. Na cidade temos destaque para três escolas públicas, sendo elas a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conselheiro José Braz do Rego – EEEFM, atualmente Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Conselheiro José Braz do Rego - ECIT; Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre Inácio – EMEF e Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Severino

Barbosa Camelo – EEEFM, sendo esta última, uma instituição Estadual. E no que concerne à rede privada, tem-se visibilidade a Escola Criativa da Mônica – ECM.

Conforme aconteciam as edições da Flibo, mudanças foram ocorrendo em relação às oficinas nas escolas. A partir de 2019, quando a EEEFM se tornou integral, não foi mais possível realizar as oficinas no ensino médio. As oficinas eram organizadas para suprir boa parte das escolas públicas e também privadas, para que com isso, fosse atendido um público variado. Elas são executadas nas modalidades de ensino fundamental II e ensino médio, pois a educação infantil é abrangida pela Flibinho. Como mencionado, as oficinas que se realizavam na EEEFM foram encerradas em 2019 e tiveram que ser realocadas para outro ambiente. E elas passaram a ser na instituição EEEFM, sendo elas direcionadas para o público do ensino médio.

A participação das escolas na Flibo pode ser vista como uma eventualidade de suma importância para o alunado, os professores e o conjunto da Festa em si. Já que há a possibilidade de uma formação de leitores ao longo dos anos. Carneiro (2021) denota um pouco desse aspecto em seu relato, a partir do seu contato como professora e como representante da Festa. Ela enfatiza a formação cultural, enaltece a alegria de ver tantos jovens e adolescentes participando, além de destacar que o envolvimento dos alunos com a Flibo transpassa a atividade escolar e torna-se rotina cultural.

Como eu sou professora do 6º ao 9º ano, então eu acompanho uma turminha que vai crescendo, vai se tornando adolescente, né? E assim eu acompanhava essa turminha também participando de todas as FLIBOS. Crescendo junto com a FLIBO! E aí essa turma já tinha essa paixão, já sabia o que era o evento, porque participava com a escola, porque ia participar da FLIBINHO, ia pra Marcha, e foi crescendo naquele ambiente ali. E aí passou a frequentar a FLIBO não apenas com a Escola, não apenas de dia, mas a noite também, né? A minha maior emoção foi na 8ª FLIBO, na abertura, quando eu olhei a Praça, e eu vi muitos jovens e adolescentes. Acho que foi a primeira vez que eu senti esse impacto assim, eu disse, olha tá dando certo! Eu pensei comigo, tá dando certo! Porque assim, foi uma turma que tava crescendo, que já tava com uns 15, 16, 17 anos, né? Então, teve essa formação cultural de esperar a FLIBO, de participar, enfim, isso que eu já falei! (Mirtes Waleska de Oliveira Sulpino Carneiro. 2021–Entrevista I)

Por isso, podemos considerar a inserção das escolas como caráter relevante para a Flibo. Além das escolas da cidade, as de outros municípios circunvizinhos se envolvem nas programações literárias. Na 10ª edição (2019) escolas de Campina Grande estiveram na Festa em parceria com a Flic. O Instituto Federal da Paraíba (IFPB) de Patos participou também em uma das edições, trazendo alguns alunos para o evento. A 10ª edição (2019) era comemorativa, pois a Festa estava completando uma década de atuação e nesse ano a presença de muitas escolas pode ser vista em grande quantidade. Quatorze escolas participaram, e com isso, pode-

se ter cinquenta e quatro apresentações, segundo Carneiro (2019). Escolas de Barra de São Miguel, a cidade com uma das irmãs mais velha da Flibo, a Flibarra, também participa com suas turmas, para as apresentações. A parceria entre as cidades que cultuam os mesmos objetivos em relação ao crescimento literário e a formação de leitores, pode ser apontada como enriquecedora, para ambos os lados. Conheceremos agora, um pouco sobre os homenageados e os intuitos das edições da Flibo.

4.5 Escolha do homenageado e edições da Flibo

Para compor os festivais literários, uma palestra, uma aula, um evento é preciso ter um tema, uma concentração temática ou um homenageado para guiar as pautas a serem trabalhadas. Na Flibo, as edições são organizadas por temáticas advindas da escolha dos homenageados. No decorrer de mais dez anos de Flibo, já tivemos muitos nomes que passaram por ela. De poetisas a cantores, a poetas, escritores, compositores, cordelistas etc. Uma rede de pessoas conhecidas por alguns e por outros não, pois temos homenageados paraibanos e de outros estados, mas que tem uma representação simbólica pelo país.

Escolher um homenageado e trabalhá-lo em uma edição, é poder propor para os ouvintes a oportunidade de conhecimento. Que pode ocorrer a partir de uma música escrita por determinado cantor, um livro, um poema, um cordel, etc. são inúmeras as possibilidades que podemos ter em relação a isso. Digamos que a Flibo pode ter a intenção de propor com isso, o intuito de incentivar as pessoas ali presentes a buscar saber mais sobre aquela pessoa e seu conteúdo literário, artístico e cultural.

A escolha do tema inicialmente era feita de forma colaborativa, de acordo com o relato oral feito por Carneiro (2021)³⁶, mas havia dificuldades em relação às reuniões para discutir o tema. A responsabilidade era da Abes e não havia consulta à sociedade civil boqueirãoense. Como estava ocorrendo alguns impasses, o comprometimento de escolha ficou determinado pela Presidente da Associação. Segundo Carneiro (2021)³⁷ para definir a temática ela

³⁶ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

³⁷ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

pesquisava sobre o que estava sendo comemorado naquele, como centenário, aniversário de algum escritor, obras, datas importantes etc. Algo que pudesse vir a inspirar um tema para a Festa.

Outro ponto relevante em relação à temática é o vínculo com as escolas da cidade, pois ela precisa ser definida com antecedência para que haja a interação das escolas com a Flibo. As escolas só podem trabalhar autor e tema com professores e alunos, após a definição. Por isso, podemos considerar a nomeação do tema, um fator expressivo para o esquema organizacional da Festa. Já que é preciso uma base, para poder guiar os caminhos.

Como já discutido anteriormente, os locais para a execução da Festa foram deslocados. Nas duas primeiras edições a maioria das atividades foram feitas no CEFAR e na Hitz, com correalização da Prefeitura Municipal de Boqueirão, que organizava os espaços e a estrutura para compor o ambiente. A competência dada à Abes era a de convidar o público para o evento. A partir da 3ª edição (2012) a praça da Abes torna-se local detentor da maior parte das atividades.

Até o ano de 2021, a Flibo já contou com 11 edições, sendo a última virtual. A 1ª edição (2010) ocorreu de 18 a 21 de março com a temática intitulada “A importância da leitura para a Sociedade “e como homenageado, o poeta paraibano Ronaldo José da Cunha Lima³⁸. Como justificativa para a escolha, foi usado a comemoração ao seu aniversário, que coincidiu com a data da abertura da Festa. Conforme destacado por Aquino (2019):

A primeira edição aconteceu em março, fizemos pesquisa para ver escritor que faria aniversário em março para ser homenageado. Como era 18 de março, veio o nome de Ronaldo Cunha Lima, que, mesmo já debilitado na saúde, esteve presente, acompanhado de sua esposa, Dona Glória Cunha Lima, e teve um momento em que se falou sobre sua poesia. Vieram escritores da Geração

³⁸ Ronaldo José da Cunha Lima nasceu em Guarabira (PB), no dia 18 de março de 1936, filho de Demóstenes Cunha Lima e de Francisca Bandeira da Cunha. Seu irmão Ivandro de Moura Cunha Lima foi senador pela Paraíba de 1977 a 1983 e deputado federal por seu estado de 1991 a 1999. Advogado, poeta e empresário rural, ingressou em 1958 na Faculdade de Direito da Universidade da Paraíba (UPB) e formou-se em 1961. Iniciou na política elegendo-se vereador em Campina Grande (PB), no pleito de outubro de 1960. Deixou a Câmara Municipal dois anos depois, quando se elegeu deputado estadual na legenda do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), com a maior votação do partido. Tomou posse na Assembleia Legislativa em janeiro de 1963. Faleceu em Julho de 2012, acometido por um câncer do qual se tratava desde o ano anterior. Era estudioso da obra do poeta Augusto dos Anjos, além de ter sido Membro da Academia Campinense de Letras e Membro do Conselho Federal da OAB. Ingressou na Academia de Letras em 11 de março de 1994, saudado pelo acadêmico Amaury Vasconcelos e ocupou a cadeira de nº 14 da Academia Paraibana de Letras (APLPB). Alguns de seus livros foram: 50 canções de amor e um poema de espera, 1955; Livro dos tercetos - Em defesa da língua portuguesa (discurso no Senado Federal, 1998) ; 3 seis, 5 setes, 4 oitos e 3 noves - grito das águas (discurso no Senado Federal, 1999); A seu serviço II, 1999; A seu serviço III, 2000; Roteiro sentimental – fragmentos humanos e urbanos de Campina Grande, 2001; Breves e leves poemas, 2005. (Com alterações nossas) Textos disponíveis nos links abaixo: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/lima-ronaldo-cunha> <http://Flibo2010.blogspot.com/> Acesso em 10 de Outubro de 2021.

59 e as presenças de Bráulio Tavares, Damião Cavalcante, Ed Porto, Vitória Lima, entre outros. (AQUINO, L. G. Revista Correio das Artes, 2019, p.10)

A partir de Aquino (2019) podemos evidenciar como aconteceu a escolha para o homenageado da 1ª edição (2010). Ronaldo esteve presente no evento que lhe fazia homenagem e além dele, estiveram também alguns nomes expressivos do cenário literário, como o escritor Bráulio Tavares, a coordenadora da Flipo daquele ano, Cristina Maseda, entre outros escritores, poetas e musicistas paraibanos, como Jessier Quirino. Essa edição contou com a execução de palestras, apresentação de lançamentos de livros da literatura paraibana e nacional, minicursos, apresentações culturais na praça da ABES, saraus e bate-papos.

Para a realização teve colaboração da Prefeitura Municipal de Boqueirão, Secretaria de Cultura, Secretaria de Educação, Secretaria de Assistência Social, SEBRAE, Pacto Novo Cariri, CEFAR e Subsecretaria Estadual de Cultura. Abaixo, podemos ver o cartaz usado para anunciar a 1ª edição (2010) e nele é há a possível enfatização da transformação do caráter da cidade, de “Cidade das Águas” para a “Cidade das Rimas e Letras”

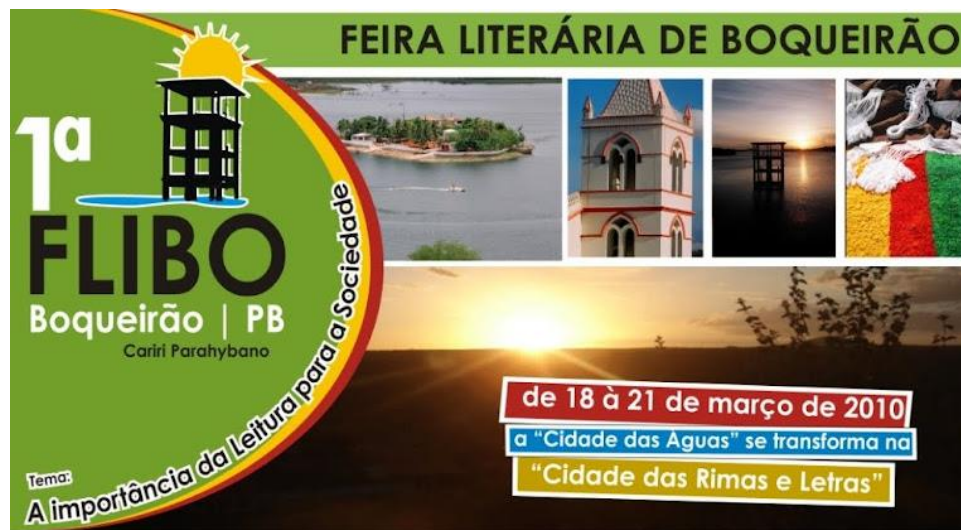


Figura 22³⁹ - Cartaz de anúncio para a 1ª edição (2010) da Flibo. Fonte: Blog da Flibo

A 2ª edição (2011) ocorreu de 24 a 27 de março, com o tema “Identidade e Diversidade Cultural” e tendo como homenageado mais uma vez, um escritor, poeta e romancista paraibano,

³⁹ A imagem 22 foi retirada do Blog da FLIBO, referente ao link <http://Flibo2010.blogspot.com/> Acesso em 10 de outubro de 2021

Ariano Vilar Suassuna⁴⁰, mais conhecido no cenário local como o autor do “Auto da Compadecida”. Ariano esteve prestigiando o evento e a escolha dele, segundo Carneiro (2021)⁴¹ foi devido a estarem ocorrendo às reprises do Auto da Compadecida naquele período.



Figura 23⁴²- Folder de anúncio da 2ª edição (2011). Fonte: Blog da Flibo

Mais uma vez Bráulio Tavares esteve participando e ministrou a palestra de abertura da Flibo. Além dele, estavam integrando a abertura o representante da Secretaria de Cultura do Estado Chico César, o historiador José Otávio de Arruda Mello, representantes do governo municipal, o cantor Fredy Fevereiro entre outros. Podemos considerar como um marco significativo a vinda de Ariano até a cidade. A presença de um escritor de renome, pode ter incitado a curiosidade do público em formação. Pois vale salientar que o acesso à informação é constante, mas que ele ainda é instável para muitas pessoas, devido a interação com o imaginário literário. Assim como na 1ª edição (2010), a Flibo abordou diversas atividades, com

⁴⁰ Ariano Vilar Suassuna nasceu em Nossa Senhora das Neves, hoje João Pessoa (PB), em 16 de junho de 1927, filho de Rita de Cássia Dantas Villar e João Urbano Pessoa de Vasconcelos Suassuna, foi o oitavo dos nove filhos do casal. No ano seguinte, seu pai deixa o governo da Paraíba e a família passa a morar no sertão, na Fazenda Acauhan. Faleceu no dia 23 de julho de 2014, no Recife, aos 87 anos. Ligado diretamente à cultura, iniciou em 1970, em Recife, o “Movimento Armorial”, interessado no desenvolvimento e no conhecimento das formas de expressão populares tradicionais. Ariano foi poeta, romancista, ensaísta, dramaturgo, professor e advogado e em 1993 foi eleito para a cadeira n.º 18 da Academia Pernambucana de Letras, em 1989, foi eleito para a cadeira n.º 32 da Academia Brasileira de Letras e ocupou também em 2000, a cadeira n.º 35 da Academia Paraibana de Letras. “O Auto da Compadecida” é considerada sua obra-prima e foi adaptada para a televisão e para o cinema. Sua obra reúne, além da capacidade imaginativa, seus conhecimentos sobre o folclore nordestino. (Alterações nossas). Textos disponíveis nos links abaixo:

<https://www.academia.org.br/academicos/ariano-suassuna/biografia>

https://www.ebiografia.com/ariano_suassuna/ Acesso em 10 de Outubro de 2021.

⁴¹ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

⁴² A imagem 23 foi retirada do Blog da FLIBO, referente ao link <http://Flibopb2011.blogspot.com/> Acesso em 10 de outubro de 2021

palestras relacionadas à temática, como a de Bráulio; minicursos, oficinas, teatro, música, lançamentos literários, shows musicais, poesia, etc. Para finalizar essa edição, houve a “Aula espetáculo” no dia 27, com Ariano na Hitz e os gastos com o seu comparecimento foram angariados pela Prefeitura e SEBRAE, segundo Carneiro (2021)⁴³.

A 3ª edição (2012) abarcou os dias 21 e 25 de março e sua temática foi “Nordeste: Literatura e Teatro, do texto ao palco”, para homenageados foram escolhidos a professora paraibana e dramaturga Maria de Lourdes Nunes Ramalho⁴⁴, ou como é conhecida, Lourdes Ramalho e Bráulio Tavares. Lourdes nasceu no estado do Rio Grande do Norte, mas é radicada paraibana, pois é um dos nomes de destaque no cenário teatral paraibano. Fixada em Campina Grande, ela pôde estar presente no evento. Para essa, como nas duas anteriores as atividades acima citadas permaneceram, o que acrescentou-se foi um passeio ciclístico “Caminhos da Leitura” no dia 25. Para a abertura, houve a encenação da peça de Lourdes “A Feira”, pelo Grupo de Theatro Laboratorium. A colaboração dos governos estaduais e municipais esteve ativa, além do SEBRAE e Abes, assim como podemos identificar os emblemas dos parceiros expostos no folder da programação da Festa, abaixo.

⁴³ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

⁴⁴ Maria de Lourdes Nunes Ramalho ou simplesmente Dona Lourdes como todo mundo a conhecia, nasceu a 23 de Agosto, em Ouro Branco (naquela época, um distrito pertencente ao município de Jardim do Seridó), no Rio Grande do Norte. Filha de José Nunes de Figueiredo e Ana Medeiros Brito (depois, Ana Brito de Figueiredo), foi a primogênita de uma família composta por outros 11 filhos do casal. Faleceu em 7 de setembro de 2019, aos 99 anos. Antes de ser dramaturga, foi professora, mãe e poetisa. A professora Lourdes Ramalho iniciou sua carreira docente, ainda muito menina, em Santa Luzia (PB), para onde a família se deslocara, como professora auxiliar em educandário de sua mãe. No mesmo período, atuou em grupos cênicos, em companhia da mãe e dos tios, que se apresentavam no Cine Paroquial da cidade, fixando residência, em 1957, em Campina Grande. Ao chegar à Serra da Borborema se depara com um agitado ambiente cultural, o que culmina na inauguração do Teatro Municipal Severino Cabral, em 1963. Foi este, anos depois, o espaço privilegiado onde as peças de Lourdes Ramalho foram representadas, conferindo-lhe a notoriedade como dramaturga. Algumas de suas obras e textos foram A Feira (1976), Os Mal-amados (1988), Além do Arco-íris e A Eleição (1978), Uma Mulher Dama (1979) Psicanalista (1980), Guiomar Sem Rir Sem chorar (1981), Fiel Espelho Meu (1982), A Mulher da Viração, Frei Molambo Ora Pro Nobis e O Censor Federal (1983) e, por fim, Festa do Rosário (1985). (Com alterações nossas). Texto na íntegra na Revista Correio das Artes. Ano LXXI, 2020, p. 4, 5 e 6. Disponível no link abaixo. Acesso em 10 de Outubro de 2021.

<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/correio-das-artes/edicao-digital-2020/correio-das-artes-agosto-de-2020>



Figura 24⁴⁵ - Folder de programação da 3ª edição (2012). Fonte: Calameo

A temática para a 4ª edição (2013) foi “A importância da Literatura na Infância”, a qual ocorreu no segundo semestre e com redução de um dia, diferente das três primeiras, sendo de 23 a 26 de outubro, com isso, ela finalizava no sábado. Nesta edição podemos considerar que houve a adição de um novo elemento diferencial, a inserção das escolas nas atividades da Festa, sendo elas, as públicas, com o projeto “Minha Escola na FLIBO”. Além de que também sucedeu a mudança de semestre em alusão às escolas. Para que com isso, elas pudessem trabalhar o homenageado, que naquele ano foi o poeta e compositor brasileiro Vinicius de Moraes⁴⁶ (1913-1980). Com esse projeto, constituiu-se a Flibinho, a qual já evidenciamos acima.

⁴⁵ A imagem 24 foi retirada do site Calameo, referente ao link <https://pt.calameo.com/read/0007994763afcf9e40d3> Acesso em 10 de Outubro de 2021.

⁴⁶ Marcus Vinicius Melo Moraes, mais conhecido como Vinicius de Moraes, nasceu no Rio de Janeiro no dia 19 de outubro de 1913. Filho do funcionário público e poeta Clodoaldo Pereira da Silva e da pianista Lídia Cruz, desde cedo já mostrava interesse por poesia. Faleceu em 09 de julho de 1980. Ele foi um poeta e é considerado um dos maiores compositores da música popular brasileira, além de ter sido um dos fundadores da Bossa Nova, um movimento musical surgido nos anos 50. Foi também dramaturgo e diplomata. Entre os seus maiores sucessos está "Garota de Ipanema" que teve a letra escrita por Vinicius e a canção composta por Tom Jobim, em 1962. Alguns dos seus livros de poemas foram: O Caminho Para a Distância (1933), Forma e Exegese (1935), Ariana, a Mulher (1936), Novos Poemas (1938), Cinco Elegias (1943), Poemas, Sonetos e Baladas (1946), Pátria Minha (1949), Antologia Poética (1955), Livro de Sonetos (1956), O Mergulhador (1965) e A Arca de Noé (1970). (Com alterações nossas) Textos na íntegra nos links a seguir: <https://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/vida> https://www.ebiografia.com/vinicius_de_moraes/ Acesso em 11 de Outubro de 2021.

Segundo Carneiro⁴⁷ a nomeação dele para o evento ocorreu devido a data de comemoração ao Centenário de Vinicius de Moraes e também por uma tentativa de inserir uma personalidade mais infantil na Festa, pois com isso, poderia haver a possibilidade de atrair e enfatizar o público mais novo, as crianças. Abaixo, há o cartaz de anúncio para a 4ª Flibo. Nele podemos interpretar que há uma centralidade na figura infantil e na imaginação advinda do contato com a leitura na infância.



Figura 25⁴⁸ - Cartaz de anúncio da 4ª edição (2013) da Flibo. Fonte: Blog da Flibo

A programação seguiu sendo diversificada conforme já havia ocorrido nas anteriores. Contou com abordagens pautando a temática em suas atividades, assim como podemos identificar através do minicurso ministrado pelo professor Hélder Pinheiro intitulado “A poesia Infantil de Vinicius de Moraes na sala de aula”; da oficina “Brincando de Ler: Dinâmicas para formação de leitores” com Samelly Xavier; da oficina “Centenário do poeta da paixão” aplicada por Paula Izabella, entre outras.

Para a 5ª edição (2014), que ocorreu de 20 a 22 de novembro, o emblema temático consolidava-se com a pauta ao incentivo da leitura e à formação de uma possível sociedade leitora, e com isso o seu *slogan era* “Traçando caminhos para uma sociedade leitora”. A homenagem buscou dar ênfase a uma escritora paraibana que já havia recebido premiação do

⁴⁷ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

⁴⁸ A imagem 25 foi retirada do Blog da FLIBO, referente ao link <http://Flibo2013.blogspot.com/>. Acesso em 11 de Outubro de 2021.

Prêmio Jabuti, um dos prêmios literários de relevância no país e que já perdura por mais de sessenta anos dando reconhecimento literário a vários artistas brasileiros.

A escritora era Maria Valéria Rezende⁴⁹, nascida em São Paulo, mas radicada na Paraíba. Em 2015 recebeu o 1º lugar do Jabuti na categoria romance, com sua obra “Quarenta dias”. A indicação para ela compor essa edição da Flibo adveio segundo Carneiro (2021)⁵⁰, de uma sugestão do Secretário Estadual de Cultura do período, Lau Siqueira. Maria Valéria esteve presente durante o decorrer da Festa. Como parceiros, estiveram a FUNESC, a Prefeitura Municipal, a Secretária Municipal de Educação, a UEPB e a UFCG. Já como apoio institucional: a Revista Boca Escancarada, Livraria Nobel, SEBRAE e Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB). Temos um ponto distinto nesta edição, a seleção de voluntários por meio de inscrições que abrangiam alunos do ensino médio, graduação e outros. Conforme citado acima, as atividades continuaram as mesmas, mas pautavam ganhar ressignificações e temáticas. Abaixo, temos um dos cartazes usados para divulgação da 5ª edição.

⁴⁹Maria Valéria Rezende nasceu em 1942, na cidade de Santos (SP), onde viveu até aos 18 anos. Desde 1976 vive na Paraíba, tendo já recebido o título de cidadã paraibana. É formada em Língua e Literatura Francesa, Pedagogia e Mestre em Sociologia. Dedicou-se desde os anos 1960 à Educação Popular em diferentes regiões do Brasil e no exterior, tendo trabalhado em todos os continentes. Desde 2004 participa do Clube do Conto da Paraíba que a estimulou a continuar a escrever ficção. O seu romance “O voo da guará vermelha” (Ed. Objetiva, 2005) foi publicado em Portugal, França e teve duas edições em Espanha (espanhol e catalão). Participa em várias coletâneas no Brasil, Argentina, Itália, França, Estados Unidos da América e Portugal. Escreve ficção, poesia e é também tradutora. Além disso, é ainda ativista e participa do Movimento Mulherio das Letras, pelo qual deu a cara em sua primeira edição, em 2017, em João Pessoa (PB). Ganhou um Jabuti em 2009, Categoria Infantil, com a obra “No risco do caracol” (Ed. Autêntica, 2008) e, em 2013, na Categoria Juvenil, outro Jabuti com o romance “Ouro dentro da cabeça” (Ed. Autêntica, 2012). Os Jabutis para Melhor Romance e Livro do Ano de Ficção chegaram em 2015, pelo seu romance “Quarenta Dias” (Ed. Alfaguara, 2014). O seu último romance “Outros Cantos” (Ed. Alfaguara, 2016) valeram-lhe o Prêmio Casa de las Américas (Cuba, 2017), o Prêmio São Paulo de Literatura e o terceiro lugar no Prêmio Jabuti 2017. (Com alterações nossas). Texto na íntegra no link <https://www.mariavaleriarezende.com/biografia> Acesso em 11 de Outubro de 2021.

⁵⁰ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra



Figura 26⁵¹- Cartaz de anúncio da 5ª edição. Fonte: Blog da Flibo

A 6ª edição (2015) abordou a Literatura de Cordel e teve como temática “O mundo encantado da Literatura de Cordel” e como homenageado, o paraibano e cordelista Leandro Gomes de Barros⁵², que é considerado uma referência para este tipo de literatura. A escolha, segundo Carneiro (2021)⁵³ ocorreu devido a comemoração de 150 anos de Leandro Gomes de Barros. A edição ocorreu de 28 a 31 de outubro e contou com uma série de atividades que envolviam palestras, apresentações culturais, sarau poético, lançamentos literários, marcha

⁵¹A imagem 26 foi retirada do Blog da FLIBO, referente ao link <http://Flibo2014.blogspot.com/> Acesso em 11 de Outubro de 2021.

⁵²Leandro Gomes de Barros, paraibano nascido em 19/11/1865, na Fazenda da Melancia no Município de Pombal. É considerado o rei dos poetas populares do seu tempo. Foi educado pela família do Padre Vicente Xavier de Farias, (1823-1907) proprietários da fazenda e dos quais era sobrinho por parte de mãe. Em companhia da família "adotiva" mudou-se para a Vila do Teixeira, que se tornaria o berço da Literatura Popular nordestina, onde permaneceu até os 15 anos de idade, tendo conhecido vários cantadores e poetas ilustres. Do Teixeira vai para Pernambuco e fixa residência primeiramente em Jaboatão, onde morou até 1906, depois em Vitória de Santo Antão e a partir de 1907 no Recife, onde viveu de aluguel em vários endereços, imprimindo a maior parte de sua obra poética no próprio prelo ou em diversas tipografias. Faleceu em 4 de março de 1918 em Recife – PE. Leandro foi considerado o primeiro escritor brasileiro de literatura de cordel, tendo escrito aproximadamente 240 obras, além de ser chamado de “Príncipe dos Poetas” por Carlos Drummond de Andrade em crônica publicada no jornal do Brasil em 9 de setembro de 1976. Em 19 de novembro é comemorado o “Dia do Cordelista” em homenagem ao seu nascimento. (Com alterações nossas) Textos na íntegra nos links <https://www.paraibacriativa.com.br/artista/leandro-gomes-de-barros/> http://cordel.casaruibarbosa.gov.br/leandro_biografia.html# Acesso em 13 de Outubro de 2021.

⁵³ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

literária, oficinas, bate-papos entre outras. Como esperado a temática é problematizada para os públicos, assim como enfatizado na palestra “Leandro Gomes de Barros e a imprensa” de Bráulio Tavares e Astier Basílio, e na oficina “Literatura de Cordel: Valorizando a cultura popular e incentivando as práticas de Leitura e escrita nos alunos do Ensino Fundamental e Médio de Boqueirão” com Cléa Gurjão, além de outras atividades.

Na 7ª edição (2016) é destacada a presença da escrita de autoria feminina, os silenciamentos que ocorrem nessas vozes na literatura e possíveis discussões que podem ser colocadas para este campo, e com isso, a homenageada é a poetisa e professora paraibana Anayde Beiriz⁵⁴. Ela tem ligação com eventos ocorridos na história da Paraíba na década de 30, mas a memória sobre sua vida é vista por uma representação de silenciamento. Nessa Flibo com enfoque na representação da sua pessoa podemos perceber a tentativa de resgatar a memória dos seus feitos, de sua liberdade, da sua resistência. Em 2002 foi estabelecido pela Assembleia Legislativa da Paraíba – (ALPB) o prêmio Diploma Mulher Cidadã Anayde Beiriz com o intuito de homenagear mulheres que colaboram para a defesa dos direitos das mulheres. Com o tema “RESISTÊNCIA E SENSIBILIDADE: Vozes da Literatura Feminina” a Festa ocorreu de 18 a 20 de agosto.

Nesta edição a Flibinho fez homenagem a Ruth Rocha⁵⁵ nas atividades escolares para as apresentações na praça. Além das atividades rotinas que ocorrem desde as edições anteriores,

⁵⁴ Anayde Beiriz nasceu em 1905 em João Pessoa. Diplomou-se pela Escola Normal em 1922, com apenas 17 anos, destacando-se como primeira aluna da turma. Além de normalista, era poeta e amante das artes. Logo que se formou, passou a lecionar na colônia de pescadores perto de sua cidade natal. Em 1925, ganhou um concurso de beleza. Circulava também nos meios intelectuais, onde declarava-se publicamente a favor da liberdade e da autonomia feminina. Poeta e professora, ela escandalizou a sociedade retrógrada da Paraíba com o seu vanguardismo: usava pintura, cabelos curtos, saía às ruas sozinha, fumava, não queria casar nem ter filhos, escrevia versos que causavam impacto na intelectualidade paraibana e escrevia para os jornais. A figura de Anayde Beiriz é pontual e coincide com a história de muitas mulheres que tanto no passado quanto no presente foram punidas e hostilizadas com justificativas em cima de padrões morais sexuais. Ela teve sua história protagonizada no filme “Parahyba, Mulher Macho”, da cineasta Tizuka Yamakazi, devido a sua resistência, atuação política e liberdade de amar enfrentando preconceitos e julgamentos. Seu nome está ligado à história por ter se envolvido com um homem conservador cujas idéias ela discordava. Esse homem era João Dantas, advogado e jornalista, candidato republicano de oposição a João Pessoa (vice de Getúlio Vargas, até então governador da Paraíba). Após o confronto conhecido como Revolta da Princesa (que deu origem ao território de Princesa), João Dantas se envolveu amorosamente com Anayde. Nessa disputa, a polícia invade a casa de João Dantas a mando de João Pessoa, em buscas de armas, mas ao revistar a residência e não encontrar nada, foram localizadas correspondências enviadas por Anayde, as quais foram amplamente divulgadas na imprensa, a fim de sujar a honra de Dantas. Posteriormente, João Dantas dispara um tiro e mata João Pessoa, em uma confeitaria no Recife. Como o fato causou grande impacto na população, Anayde teve de se refugiar. Dantas, após ser preso, também acabou sendo encontrado morto dentro da cela. No mesmo ano, desencadeia a Revolução de 1930, que mesmo com justificativas políticas, têm no plano de fundo essa trama machista, onde a mulher acaba por sofrer a pior punição, que é a morte social, seguida da morte física. Texto na íntegra no link <https://asminanahistoria.wordpress.com/2016/12/23/anayde-beiriz/> Acesso em 13 de Outubro

⁵⁵ Ruth Rocha nasceu em 2 de março de 1931, em São Paulo. Segunda filha do doutor Álvaro e da dona Esther, ouviu da mãe as primeiras histórias, em geral anedotas de família. Formada em Ciências Políticas e Sociais pela

nessa há um diferencial em relação a elas. Acrescentaram a apresentação de painéis e mesas-redondas em parceria com a UFCG e com a coordenação do Programa de Educação Tutorial (PET) LETRAS com o intuito de possibilitar a apresentação e o registros dos trabalhos aprovados em publicação nos Anais de Evento da Revista Letras Raras - Editora da Universidade Federal de Campina Grande (EDUFCG) (ISSN: 2317-2347). A participação atendia o público universitário e o público em geral. Abaixo há um cartaz de divulgação da 7ª edição (2016) e nele podemos perceber nomes de variadas poetisas e autoras do cenário literário nacional, paraibano e boqueirãoense.

Escola de Sociologia e Política de São Paulo, foi aluna do autor de Raízes do Brasil, o historiador Sérgio Buarque de Holanda, com quem viajou, junto com outros estudantes, para Ouro Preto. Na faculdade conheceu Eduardo Rocha (o “Rocha” da Ruth vem daí), com quem se casou. Viveram juntos por 56 anos, até o falecimento dele, em 2012. Tinham uma filha, Mariana, inspiração para as primeiras criações da escritora. Em mais de cinquenta anos dedicados à literatura, a escritora tem mais duzentos títulos publicados e já foi traduzida para vinte e cinco idiomas. Também assina a tradução de uma centena de títulos infanto-juvenis, adaptou a Ilíada e a Odisseia, de Homero, e é co-autora de livros didáticos, como Pessoinhas, parceria com Anna Flora, e da coleção O Homem e a Comunicação, parceria com Otávio Roth. Defensora dos direitos das crianças, sua versão, também em parceria com Otávio Roth, para a Declaração Universal dos Direitos Humanos, teve lançamento na sede da Organização das Nações Unidas em Nova York, em 1988. Em 2008, Ruth Rocha foi eleita membro da Academia Paulista de Letras. Ela recebeu prêmios da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além do prêmio Santista, da Fundação Bunge, o prêmio de Cultura da Fundação Conrad Wessel, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural e oito prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira de Letras. Texto na íntegra no link <https://www.ruthrocha.com.br/biografia> Acesso em 13 de Outubro.



Figura 27⁵⁶ - Capa de cartaz para a programação da 7ª edição. Fonte: Issuu Mirtes Waleska

A 8ª edição (2017) realizou-se no mês de setembro de 20 a 23 e teve como campo temático “Música, Literatura e Utopia”. Para homenageado optou-se pela escolha do musicista, dramaturgo e escritor Chico Buarque de Holanda⁵⁷. Tivemos como patrono da edição o escritor e pesquisador das obras de Chico, Rinaldo de Fernandes. Que ministrou a palestra de abertura “Chico Buarque: o cancionista, o dramaturgo e o romancista” com mediação da escritora Letícia Palmeira. Chico obteve destaque com suas canções no período da ditadura brasileira, e isso

⁵⁶ A imagem 27 foi retirada do Issuu Mirtes Waleska referente ao link https://issuu.com/mirteswaleska/docs/Flibo_2016_programa_o Acesso em 13 de Outubro de 2021

⁵⁷ Francisco Buarque de Hollanda nasceu no dia 19 de junho de 1944, no Rio de Janeiro. Ele é o irmão do meio dos sete filhos do casal Maria Amélia Cesário Alvim e do historiador Sérgio Buarque de Hollanda. Chico Buarque é músico, dramaturgo, ator, compositor e escritor brasileiro. Revelou-se ao público quando ganhou com a música A Banda, interpretada por Nara Leão, o primeiro Festival de Música Popular Brasileira. Chico logo conquistou reconhecimento de críticos e público. Como escritor tem uma série de livros lançados e traduzidos e em em 2019, recebeu o Prêmio Camões (31.ª edição) pelas obras publicadas Participou da passeata dos cem mil, contra a repressão do regime militar e durante os anos de chumbo teve várias músicas censuradas e foi ameaçado, tendo se exilado na Itália em 1969. Suas canções denunciavam aspectos sociais e culturais da época. Sua volta ao Brasil, em 1970, foi comemorada com manifestações de amigos e admiradores. (Com alterações nossas) Texto na íntegra no link https://www.ebiografia.com/chico_buarque/ Acesso em 13 de Outubro de 2021.

também foi enfatizado na Flibo. No bate-papo sobre “Música, Literatura e Utopia – As canções de Chico Buarque e a Ditadura Militar no Brasil”, com Stellio Mendes, Adeilson Sousa e Toninho Borbo houve discussões sobre isso, além de outras atividades.

Nessa edição houve a inserção de autores independentes, com exposição do material, divulgação do trabalho e vendas dos livros, um espaço com abordagem gratuita e com inscrição feita com antecedência. Abaixo há um dos cartazes de divulgação do evento, com a imagem do rosto de Chico em destaque.



Figura 28⁵⁸ - Cartaz de divulgação para a 8ª edição (2017). Fonte: Agorapb

Para a 9ª edição (2018) que ocorreu de 19 a 22 de Setembro o tema escolhido foi “A Hora da Estrela” que pautava uma homenagem a uma das grandes escritoras da literatura brasileira, a Clarice Lispector (1920-1977)⁵⁹. Clarice, era mais uma mulher a ser homenageada

⁵⁸ Figura 28 retirada do site Agorapb com link de acesso a seguir: <https://www.agorapb.com.br/2017/09/8-Flibo-feira-literaria-de-boqueirao.html> Acesso em 13 de Outubro de 2021.

⁵⁹ Clarice Lispector (1920-1977) foi um dos maiores nomes da literatura brasileira do Século XX. Com seu romance inovador e com sua linguagem altamente poética, sua obra se destacou diante dos modelos narrativos tradicionais. Seu primeiro livro, “Perto do Coração Selvagem”, recebeu o Prêmio Graça Aranha. Clarice Lispector nasceu na aldeia de Tchetchelnik, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro de 1920. Era filha de Pinkouss e Mania Lispector, casal de origem judaica que fugiu de seu país diante da perseguição aos judeus durante a Guerra Civil Russa. Ao chegarem ao Brasil fixaram residência em Maceió, Alagoas, onde morava Zaina, irmã de sua mãe. Clarice tinha apenas dois meses de idade. Por iniciativa de seu pai, todos mudaram o nome. Nascida Haya Pinkhasovna Lispector, passou a se chamar Clarice. Em 1941 ingressou na Faculdade Nacional de Direito e empregou-se como redatora da “Agência Nacional”. Depois passou para o jornal “A Noite”. Em 1943 casou-se com o amigo de turma Maury Gurgel Valente. Em 1944 formou-se em direito. Em 1977 Clarice Lispector escreveu Hora da Estrela, sua última obra publicada em vida, onde conta a história de Macabéa, uma moça do interior em busca de sobreviver na cidade grande. Clarice Lispector é considerada uma escritora intimista e psicológica, mas sua produção acaba por se envolver também em outros universos, sua obra é também social, filosófica e existencial.

pela Festa, e com isso, podemos inferir a relevância dada para divulgação do público feminino na Flibo, até porque a maioria dos organizadores da Festa, é majoritariamente mulheres. Como citado anteriormente, nessa também houve lançamentos literários, que buscam promover a valorização locais e regionais. Alguns lançamentos foram: os livros “Conversa de Jardim” da Valéria e do Roberto Menezes, “Glitter” (editora Moinhos) do Bruno Ribeiro, “A mulher faminta” (editora Moinhos) do Tiago Germano e ainda “Não temos Wi-fi” da Cyelle Carmem e Leticia Palmeira, com participação dos escritores Lau Siqueira e Linaldo Guedes (editora Penalux).



Figura 29⁶⁰- Cartaz de anúncio para a 9ª edição (2018). Fonte: Blog da Flibo

Algumas obras de Clarice Lispector: *Perto do Coração Selvagem*, romance (1944), *O Lustre*, romance (1946), *A Cidade Sitiada*, romance (1949), *Alguns Contos*, contos (1952), *Laços de Família*, contos (1960), *A Maçã no Escuro*, romance (1961), *A Paixão Segundo G.H.*, romance (1961)

A Legião Estrangeira, contos e crônicas (1964), *O Mistério do Coelho Pensante*, literatura infantil (1967), *A Mulher Que Matou os Peixes*, literatura infantil (1969), *Uma Aprendizagem ou Livro dos Prazeres*, romance (1969), *Felicidade de Clandestina*, contos (1971), *Água Viva*, romance (1973), *Imitação da Rosa*, contos (1973), *A Via Crucis do Corpo*, contos (1974), *A Vida Íntima de Laura*, literatura infantil (1974), *A Hora da Estrela*, romance (1977) e *A Bela e a Fera*, contos (1978). (Com alterações nossas) Texto na íntegra no link https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/ Acesso em 13 de Outubro de 2021.

⁶⁰ A figura 29 foi retirada do Blog da FLIBO, referente ao link <http://Flibopb.blogspot.com/2018/07/a-9-edicao-da-Flibo-abre-chamada-para.html> Acesso em 13 de Outubro de 2021.

A 10ª edição (2019) representava a simbolização de uma luta para construir uma cidade leitora, de acordo com seus organizadores. Segundo Carneiro (2021)⁶¹ para esta edição buscou-se homenagear algo ou alguém que estivesse participando desde o início, já ela estava completando dez anos de existência. A Festa ocorreu de 11 a 14 de setembro e teve como tema “Todas as emoções são dadas através das palavras” e para homenageado o escritor paraibano Bráulio Tavares⁶². Vale salientar que Bráulio também foi homenageado na 3ª edição (2012) mas não pode comparecer ao evento. Para esta Flíbio houve o apoio e parceria do comércio local e das instituições: Prefeitura Municipal de Boqueirão, Governo da Paraíba, Abes, SEBRAE, FUNESC e Empresa Paraibana de Comunicação, Jornal a União. Além da presença da Livraria Universitária com vendas de livros para o público em geral.

Sendo uma edição comemorativa, algumas atividades em relação a essa data ocorreram, como a produção de um documentário promovido pelos estudantes de jornalismo da UEPB, Gabriel Heitor Alves, Renata Jordão, Carol Diógenes e Thaís Alves e pela assessoria de

⁶¹ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra

⁶² Bráulio Tavares (Bráulio Fernandes Tavares Neto) nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 2 de setembro de 1950. Reside no Rio de Janeiro desde 1982. É escritor, compositor, teatrólogo, tradutor, roteirista, poeta, antologista, cordelista, estudioso da cultura popular; e pesquisador de ficção científica e literatura fantástica - artista multimídia. O pai foi jornalista e poeta, inclusive com poemas e sonetos publicados. Irmão da também poeta Clotilde Tavares. Começou a escrever influenciado pelo pai e com a idade de oito anos já havia produzido alguns sonetos, nunca publicados. Tem mais de 30 livros publicados, entre romance, conto, poesia, ensaio, crônica, infantil e antologias., além de mais de 80 músicas gravadas. Recebeu vários prêmios, o Prêmio Caminho de Ficção Científica, em Portugal (1989), Prêmio Shell de Teatro (em 1992 e 2017), Prêmio APCA de Literatura Infantil (2007), Prêmio Jabuti de Literatura Infantil (2009), entre outros. No cinema, é co-autor de roteiros de documentários e filmes, entre eles: '...als Diesel geboren' {'Nascido com o Diesel'}.. (Dir.: Peter Przygodda, 1979), roteiro de Bráulio Tavares e Peter Przygodda; 'O homem que desafiou o diabo' (Dir.: Moacyr Góes, 2007), roteiro de Bráulio Tavares, Moacyr Góes e Nei Leandro de Castro; 'Besouro' (Dir.: João Daniel Tikhomiroff, 2009), roteiro de Bráulio Tavares, Patrícia Andrade e João Daniel Tikhomiroff. Atua também no elenco de documentários e filmes, entre eles: 'Parahyba Mulher Macho' (Dir.: Tizuka Yamasaki, 1985); 'Tarja Branca - a revolução que faltam' (Dir.: Cacau Rhoden, 2014). Na televisão, é coautor de roteiros dos telefilmes (Casos especiais), como: 'Auto de Nossa Senhora da Luz' (Dir.: Luiz Fernando Carvalho / Rede Globo, 1992), roteiro escrito por Bráulio Tavares, Flávio Campos e Pérciles Leal, a partir de sequência da novela "Pedra sobre Pedra", escrita por Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares; 'A farsa da boa preguiça' {adaptação da obra homônima de Ariano Suassuna}.. (Dir.: Luiz Fernando Carvalho / Rede Globo, 1995), roteiro de Ariano Suassuna e Bráulio Tavares; É coautor do roteiro da microssérie 'A Pedra do Reino' {adaptação da obra homônima de Ariano Suassuna}.. (Dir.: Luiz Fernando Carvalho / Rede Globo, 2007), roteiro de Luis Alberto de Abreu, Luiz Fernando Carvalho, Bráulio Tavares e Ariano Suassuna. Na dramaturgia, escreveu peças de teatro, como 'Trupezupe o Raio da Silibrina' (1979); 'Esperando Godofredo, 15 anos depois' (1980/1982); 'Brincante', com Antônio Nobrega (1992); 'Segundas histórias', com Antônio Nobrega (1994); 'Folia de Reis' (1997); 'Folias Guanabaras' (2001); 'Lampião e Lancelote', adaptação de obra homônima de Fernando Vilela (2013); 'Suassuna – o auto do reino do sol' (2017); 'Jacksons do Pandeiro' (2020), entre outras. São muitas as obras de toda uma vida, e foram citadas algumas para que possamos evidenciar o porquê da escolha, para ser homenageado em uma feira literária. (Com alterações nossas). FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, organização e edição). Bráulio Tavares - um menestrel. In: Templo Cultural Delfos, julho/2021. Disponível no link <http://www.elfikurten.com.br/2016/05/braulio-tavares.html> Acessado em 14 de Outubro de 2021.

comunicação. Na construção do audiovisual pautou-se a história do evento ao longo dos dez anos e alguns momentos ocorridos nas edições.

Na sua programação o tema e o homenageado foram abordados durante as atividades propostas. Como nas palestras “Bráulio Tavares, da tradição popular à ficção científica” ministrada pelos escritores Bruno Ribeiro e João Matias; “Todas as emoções se dão através das palavras” apresentada pelas escritoras Mabel Amorim e Danielle Inô. Alguns dos bate-papos também discutiam o sentido das palavras e emoções dadas a elas. Foram muitas as movimentações de atividades e segundo Carneiro (2019)⁶³ a participação das escolas representou um percentual positivo, pois passaram por essa edição em torno de quatorze escolas, tanto de Boqueirão quanto de localidades vizinhas, e com isso desenvolveram por volta de cinquenta e quatro apresentações na Flibo. Em parceria com a FLIC, escolas de Campina Grande também marcaram presença.

Nesta edição foi organizado o “Espaço Nordeste” que funcionou durante o dia na Praça da ABES no encerramento do evento. O espaço era dedicado à poesia popular, cordel, verso e prosa com alguns poetas (a). Dentre eles Mirtes Sulpino, Tiago Monteiro, Jane Luiz Gomes, Juliana Soares, Sidney Nunes e Gilberto José. E também nessa Flibo que os organizadores destacaram haver um crescimento do público participante, e que ela atingiu variados tipos de públicos, segundo eles.

⁶³ Entrevista concedida por CARNEIRO, Mirtes Waleska Oliveira Sulpino. Entrevista I. Ocorrida no dia 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h, na plataforma Google Meet. Entrevistadora: Julhyane Cristine Oliveira Biserra



Figura 30⁶⁴- Cartaz de anúncio da 10ª edição (2019). Fonte: Acervo virtual do *instagram* da Flibo

A 11ª edição (2020), a última até o momento, aconteceu de 28 a 30 de agosto de modo virtual devido a pandemia que assola o planeta, obrigando-nos a reelaborar os modos de viver em sociedade. E com isso a Flibo construiu uma possibilidade de adaptação para o momento, com a edição virtual. As edições anteriores chegaram a ter cinco dias de evento, como nas três primeiras, a partir da 3ª fixou-se a Festa em quatro dias, mas nesta edição houve redução dos dias, ficando apenas com três dias de festejos literários. Para a execução das atividades foram utilizadas as redes sociais da Flibo no *facebook* e *youtube*. Assim como é mostrado no cartaz abaixo, nesta edição houve um possível resgate do que já havia sido vivenciado, uma busca para rememorar a trajetória da Flibo.

Podemos inferir essa questão a partir de alguns tópicos temáticos propostos, como o bate-papo “A obra de Lourdes Ramalho e o leitor do presente: dramaturgia, autoria e leitura” apresentado por Diógenes Maciel, Luana Ramalho e Renalle Ramos, o qual buscava destacar a comemoração ao Centenário de Lourdes Ramalho. Bráulio Tavares também é trazido para discussão no evento com a mesa-redonda intitulada “Bráulio Tavares: 70 anos, múltiplos olhares” e ministrada por Aderaldo Luciano, Davi Nóbrega, Jeniffer Ferreira e João Matias de

⁶⁴ A figura 30 foi retirada do acervo virtual da página do *instagram* da FLIBO - Acesso em 13 de Outubro de 2021

Oliveira, mas tendo mediação do historiador Bruno Gaudêncio. Para a abertura da 11ª edição (2020) buscaram enfatizar uma problemática, a finalidade de uma Festa Literária. A qual foi discutida por representantes de Festivais e Feiras literárias paraibanas.



Figura 31⁶⁵- Cartaz de anúncio da 11ª edição (2020) da Flibo. Fonte: Acervo virtual do *instagram* da Flibo

Sendo assim, podemos perceber que buscaram elucidar a rememoração e o incentivo aos festivais literários. Durante o decorrer de dez edições com homenageados, tivemos a escolha de seis representantes homens e quatro mulheres, sendo que nenhum deles tinha perspectiva de representatividade negra. Além disso, as temáticas pautadas nas edições passaram por múltiplos caminhos: literatura de cordel, música, literatura feminina, literatura infantil, literatura em geral, entre outros.

⁶⁵ A figura 31 foi retirada do acervo virtual da página do *instagram* da FLIBO - Acesso em 13 de Outubro de 2021

4.6 Formulários sobre a Flibo e seus prováveis públicos e especificidades

Nossa pesquisa buscou também tentar identificar algumas especificidades dos públicos participantes das edições da Flibo, a partir da aplicação virtual de um formulário com quinze questões que versaram sobre dados de identificação, e-mail, idade, cidade, como foi o primeiro contato com a Flibo, impressão da cidade antes e depois da inserção da Festa, formas de participação ao longo das onze edições, participações em outros festivais semelhantes a Flibo, hábito de leitura, compras de livros, aquisições de produtos e coordenação de projetos nas feiras, escolaridade, o que representa a Flibo a cada edição e frutos que podem ter sido gerados a partir das ações das feiras.

O formulário foi construído na ferramenta documentos do *Google*. Como citado, buscamos conhecer os públicos que participam da Flibo, e com isso, a nossa especificidade de público para a pesquisa eram pessoas que participaram de alguma e até mesmo que ainda viriam a conhecer a Festa. A divulgação ocorreu através do link via rede social *Whatsapp* com intuito de podermos atingirmos a maior quantidade de pessoas possíveis. O formulário foi intitulado “Questionário sobre a FLIBO, para a pesquisa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Julhyane Oliveira”.

Após ocorrida a divulgação, ficamos aguardando as respostas dos possíveis receptores. A aplicação verificou-se durante um mês, de 01/05/2021 a 01/06/2021. Obtivemos vinte e duas respostas e possíveis resultados. Houve a participação de dezoito pessoas do público feminino e quatro do masculino. A seguir temos um gráfico que denota as idades do público estudado e o percentual de quantidade de pessoas. Dentre as cidades, dezenove pessoas residem em Boqueirão, duas pessoas em Queimadas e uma em Campina Grande.

Para o primeiro contato com a Flibo tivemos três opções em destaque, o contato através da própria Festa em si, da escola e por indicação. Além do contato pelo voluntariado e via *internet*. No quesito impressão da cidade antes da flibo, a maioria, sendo ela doze pessoas, evidenciou que era uma cidade sem valorização dos poetas locais e sem uma cultura literária presente. As outras dez pessoas enfatizaram alguns pontos, como cidade acolhedora, o Balaio Cultural, atividades escolares e da Abes, cidade monótona, vazia e seca.

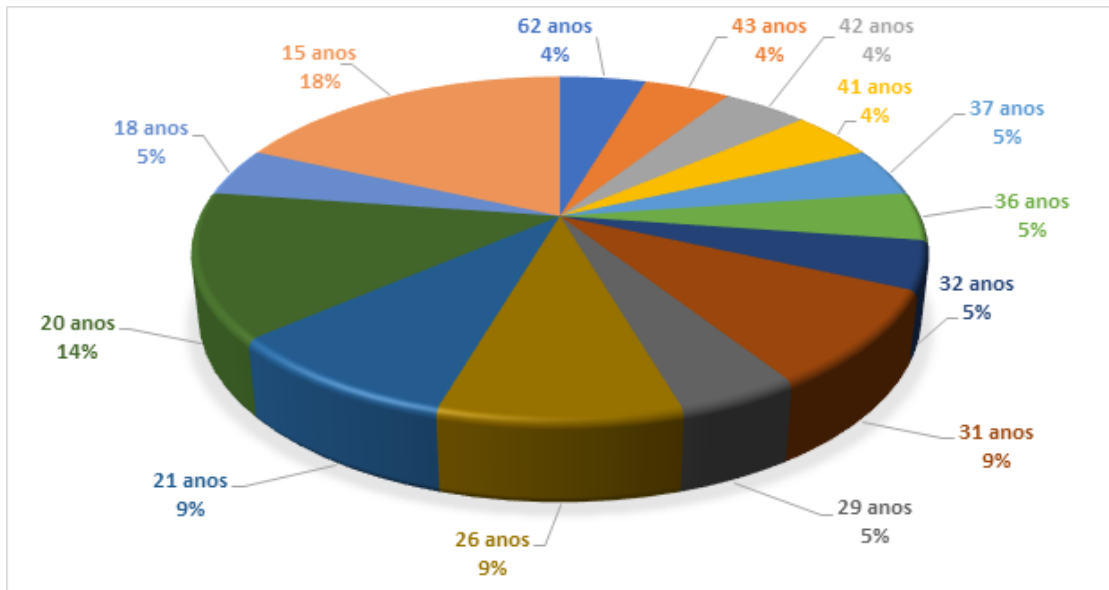


Figura 32- Gráfico com a quantidade de pessoas e suas idades. Fonte: Produzida pela autora (2021)

Em relação às formas de participação ao longo das onze edições, onze pessoas destacaram ser espectadores, três como incentivadores e colaboradores e as outras, voluntário, acompanhamento virtual, como professores com apresentações de alunos, minicursos e bandas marciais; e palestrantes. Para a perspectiva de mudança com a chegada da Flibo a cidade a partir da visão dos entrevistados, houve três pontos gerais enfatizados por todos. Primeiro, o incentivo a leitura, a cultura e valorização dos poetas locais. Segundo, desenvolvimento de projetos que pautem a importância da leitura, do livro, da literatura nas escolas públicas e privadas. Por fim, o terceiro com o despertar dos jovens para a leitura, e com isso, a formação para um público leitor.

Já no que concerne à participação em festivais literários em outras cidades em que poderia haver semelhanças com a Flibo, houve a citação da cidade de Areia e Campina Grande; e de festivais, a Flic e Flibarra. A maioria, sendo eles dezesseis pessoas, não participaram de festivais, e cinco participaram. Os outros têm vontade e elucidaram semelhança. No que se refere ao hábito de leitura, dezenove enfatizaram tê-lo, e três não. Ainda ressaltaram também que ele começou em alguns momentos e a partir de elementos, como a escola, na infância por meio de revistas em quadrinhos e contação de história, Flibo, por ser professora atuante, por meio da universidade e por incentivo.

Para o ponto a respeito das compras de livros nas edições, a maioria já efetuou alguma compra de livros, sejam eles na livraria ou nos sebos. Apenas uma pessoa, não efetuou e quatro compram só às vezes. E em relação aos produtos que são vendidos na Festa, sem exclusivamente livros, houve a compra de livros por dezoito e outros já compraram cordéis, História em Quadrinhos (HQs), marca-página, objetos decorativos, artesanato, mangás, jogos, camisas e bebidas.

Na indagação sobre escolaridade na cidade, treze pessoas estudaram nas escolas locais, tanto as públicas quanto as privadas. Dentre elas, doze participaram dos projetos escolares e quatro não estudaram na cidade. Sobre a coordenação de projetos para ser apresentado na Flibo, apenas duas apresentaram: pesquisas, entrevistas e apresentações; peça teatral para apresentações, trabalhar em sala de aula as obras do homenageado. As outras vinte não participaram.

No ponto que se refere a representação da Flibo para os entrevistados, a maioria registrou alguns adjetivos como simbolismo para sua representação. Quatro pessoas enfatizaram o incentivo à leitura, cultura e formação de leitores. E as outras: recomeço, esperança, inspiração, superação, oportunidades, reconhecimento, renda municipal, conquistas, cultivo de sonhos, descobertas, nova cultura, amor, leitura, saber, renovação, compromisso, formação literária da comunidade, universo de cultura/fantasia, aprendizado, uma forma de pensar e sentir o que é leitura.

E para finalizar os pontos do formulário, destacamos a seguir, quais foram os possíveis frutos gerados a partir da Flibo e identificados por eles. Em ação conjunta, todos enfatizaram um objetivo em geral, sendo ele o incentivo a leitura, a formação de novos leitores e de novos escritores regionais, além da troca de experiência e aprendizado e o interesse de crianças e jovens pela literatura. Portanto, podemos perceber a partir da análise das respostas do formulário que o público que habita o cenário local e literário da Flibo é amplo, e não é somente pessoas da cidade, abarca outras cidades próximas. Além de ter, no caso da nossa pesquisa, majoritariamente o público feminino. E também podemos ressaltar a questão da idade, que é múltipla, abarcando do público adolescente ao jovem e a terceira idade. Buscamos com esses resultados poder contribuir com os possíveis públicos e suas respectivas especificidades em relação a Flibo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A nossa pesquisa buscou construir os caminhos literários da Festa Literária de Boqueirão - Flibo entre os anos de 2010 e 2020, através da explanação de alguns elementos que possam ter levado ao processo de construção da Festa. Além de enfatizar o protagonismo exercido pela Associação Boqueirãoense de Escritores – Abes e os membros do público feminino diante do cenário literário e da Festa Literária. O leitor ao deparar-se com nosso texto estará percorrendo uma linha cronológica de acontecimentos, eventos, ações e atividades relacionadas a Flibo e Abes. Para que isso fosse possível organizamos o trabalho em três momentos, o primeiro com um passeio pela história da cidade de Boqueirão, o segundo com a problematização do nascimento da Associação Boqueirãoense de Escritores - Abes e o terceiro com o enraizamento da Flibo na sociedade boqueirãoense e no cenário literário regional.

A temática para o trabalho surgiu da lacuna que encontramos em relação a se ter algo que abordasse a construção da Festa desde o início da sua formação com a Abes e quais os aspectos que poderiam ter levado a sociedade boqueirãoense a idealizar algo assim, identificando os atores protagonistas e antagonistas desse evento. Além de também tentar buscar as correntes literárias abordadas na cidade antes da Flibo e os possíveis impactos na formação de leitores a partir dela.

No primeiro momento tentamos trazer para o leitor o sentido da criação do nome dado a cidade, os atores precursores da fundação da vila e posteriormente uma urbe emancipada, a representação dada a cidade a partir das águas do Açude Epitácio Pessoa e a possível mudança de elemento representativo para ela, saindo do nicho de “cidade das águas” para a cidades das “rimas e letras” com a Flibo. Com isso, enfatizamos as possíveis correntes literárias que começaram a surgir com os movimentos literários locais.

No segundo momento buscamos enfatizar os encontros poéticos boqueirãoenses, com o nascimento da Abes. A Associação é destacada como ponto executor da Flibo, pois iniciou o processo fundador para a consolidação da Festa através de ações promovidas em conjunto pelos membros da Abes e a resistência da liderança de uma Associação formada majoritariamente pelo público feminino. Com isso, trazemos para o leitor um debate em relação ao Balaio Cultural, as ações promovidas pela Abes com destaque para a formação de leitores e valorização dos poetas (as) locais. Além disso, há uma ênfase em relação ao incentivo literário, a biblioteca da Abes e a municipal.

Para o terceiro momento abordamos em nosso trabalho a fundação da Flibo e seus respectivos elementos componentes. A abordagem pautou a Festa como uma planta em

processo de germinação, florescimento e enraizamento na sociedade boqueirãoense e cenário regional. Com isso, ressaltamos para o leitor a construção da Feira/Festa e prováveis inspirações para outros festivais advindos dela. Além de também ressaltar a feirinha infantil, a Flibinho uma possível inspiração da Flipinho; a marcha literária que percorre as ruas da cidade na abertura das edições, a escolha dos homenageados e das temáticas, destacando com isso cada homenageado e o que havia levado para a sua escolha. Buscamos também enfatizar a participação das escolas e sua organização para compor a Flibo, a praça da Abes como ponto irradiador das apresentações e concentração do público, e por fim discutimos a aplicação de um formulário que pautou os possíveis públicos participantes e suas especificidades.

Diante dos pontos expostos na pesquisa alguns nos causam inquietações. Como a questão da escolha do tema e homenageado para as edições, que poderia ser feita com a participação da sociedade civil boqueirãoense por meio de votação virtual, já que habitamos a era tecnológica. E com isso, poderia haver a possibilidade de uma maior interação do público local na construção de cada edição. Outro ponto em relação aos homenageados (a) é que em nenhuma das edições já ocorridas de 2010 a 2020 houve uma representatividade negra. Houve escritores participando do evento, mas não os homenageados (a). Nas próximas edições poderiam haver autores (a) negros a serem trabalhos.

Mais uma possibilidade para a Flibo é que ela vinhesse a tornar-se um evento com uma parte virtual, para que com isso pudesse atrair pessoas de várias localidades do país e propiciar um nova experiência para os organizadores e receptores do evento. Até porque, a 11ª edição (2020) ocorreu no modo virtual, devido a Pandemia que encontra-se afetando nossa rotina. Diante das questões enfatizadas no nosso trabalho pudemos perceber que houve um incentivo para a construção de uma cidade leitora em Boqueirão. Além do intuito para a formação de um público leitor, ativo e posteriormente escritor. Outro que nos pode ser esclarecido foi a intensa busca para a valorização dos escritores locais e paraibanos.

Como destacado no texto e perante as questões discutidas a Abes é uma Associação de inteira importância para que haja a organização e execução da Festa. Sem ela e seus membros podemos destacar que a Flibo poderia não ter caminhado conforme a encontramos hoje. Além disso, vale ressaltar o apoio dado pelos colaboradores, comerciantes locais e instituições à Festa. Eles compreendem a base para os recursos que financiam o evento, sejam eles financeiros, culturais, educacionais, artísticos e gráficos.

A participação das escolas é fundamental para o arranjo entre as ações da Flibo e a educação incentivadora ao consumo da leitura, do livro, da literatura e da formação de leitores. A partir da construção da Festa Literária de Boqueirão- Flibo houve também ação progressiva

para formações de festivais literários por outras cidades paraibanas. Por fim, buscamos elucidar com nossa pesquisa essa lacuna vigente em relação a história da construção da Flibo e seus respectivos elementos que a compõem, e com isso esperamos poder contribuir de forma significativa para a história local da cidade, para aqueles que anseiam conhecer o que é a Flibo com seus objetivos, pautas e ações. Além de também buscar contribuir para a colaboração de um conhecimento literário para os cidadãos locais, os leitores amantes da literatura e para todos que almejam conhecer um pouco mais sobre sua cidade e seus movimentos literários em Boqueirão.

A Pesquisa nos rendeu alguns obstáculos, devido haver poucas publicações que trabalhassem a Flibo. Mas isso nos demonstrou que precisaria ter mais trabalhos nessa área, que buscassem trazer para o público a importância dessa Festa no âmbito literário local e regional. As lacunas que não foram postas neste trabalho, podem ser desenvolvidas adiante a partir de novas propostas, conceitos, palavras e dedicação. Esperamos que vocês leitores tenham feito um passeio construtivo, reflexivo e que tenhamos conseguido lançar para vocês o anseio para novas leituras relacionadas a nossa temática.

6. REFERÊNCIAS

- ALBERTI, VERENA. **Manual de História Oral**/Verena Alberti. - 3.ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 236 p. Primeira edição publicada com o título: História oral: a experiência do CPDOC.
- ALBERTI, V., FERNANDES, TM., and FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI [online]**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books. Disponível em: [SciELO Livros](#) Acesso em 20 de Junho de 2021
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da história. Durval Muniz de Albuquerque Júnior - Bauru, SP: Edusc, 2007, 256p. 2cm -(Coleção História).
- ANDRADE, Jefersson Franciarily Farias de; BRITO, Roberta Lopes de Oliveira; SOUSA, Valdirene Pereira de. **Uma história de Boqueirão**. Volume III. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. **História dos Municípios Paraibanos: Volume III**. Campina Grande - PB: EDUFCEG, 2013. v. 3, p. 29-49. ISBN 978-85-8001-089-3.
- AQUINO, L. G. Flíbo: **Uma década levando literatura ao Cariri**. Revista Correio das Artes, Ano LXX, Nº 6, 2019, p. 9-12.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**/ Ecléa Bosi. – 3. Ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARNEIRO, Mirtes. W. O. S. **Entrevista I**. Entrevista concedida a Julhyane Cristine Oliveira Biserra.Via plataforma *Google Meet* em 24/03/2021 das 20:00h às 22:00h.
- CARNEIRO, M. W. O. S. **A poética feminina – Contribuições da escrita literária feminina e a formação de uma sociedade leitora em Boqueirão**. Revista Correio das Artes, Ano LXIX, Nº 1 2009, p. 32-39.
- COLETÂNEA POÉTICA. **Novos poetas do Cariri paraibano**. Prefácio pela Profa. Maria da Conceição Gonçalves Pereira Araújo. Boqueirão, PB: ABES – Associação Boqueirãoense de Escritores 2010. 110 p. Capa: Medesign. ilus. fotos dos autores. 14,5 x 21 cm. Ex. bibl. Antonio Miranda.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**/ Lynn Hunt: tradução Jefferson Luiz Camargo - São Paulo: Martins Fontes, 1992. (O homem e a História).
- MASEDA, Cristina Souza Santos; GIBRAIL, Gabriela Dutra. **Flipinha- reinventando a cidade a partir da literatura**. 32º Congresso Internacional de IBBY, [s. l.], 2010.
- MEIHY, J.C.S.B. **Manual de história oral**. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- NANTES, Martinho de, padre, O. F. M. Martinho de Nantes. Cap. **Relação de uma missão no Rio São Francisco: relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris**/ Martinho de Nantes; tradução e comentários de Barbosa Lima Sobrinho.-2.ed.- São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Mundo Como Texto: leituras da História e da Literatura.** História da Educação, Pelotas, p. 31 - 45, 01 set. 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. P472 **História & História Cultural/** Sandra Jatahy pesavento - 3.ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 132p. (Coleção História &...Reflexões, 5) ISBN 978-85-7526-078-41. Cultura-história. I. Título. II. Série.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias** Dossiê: Cidades • Revista Brasileira de História. Vol. 27. Nº 53, jun 2007. Editora Contexto, 2008. 302p. p.11-23.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. « **História & literatura: uma velha-nova história** », Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, mis en ligne le 28 janvier 2006, consulté le 14 mai 2021. URL : <http://journals.openedition.org/nuevomundo/1560> ; DOI : Pág 1-9. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/nuevomundo.1560> Acesso em 20 de Junho de 2021

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas.** 2. ed., 1ª reimpressão. São Paulo:

7. ANEXOS

Questionário sobre a Festa Literária de Boqueirão - Flibo, para pesquisa do TCC de Julhyane Oliveira

01- Como você se chama?

02- Você poderia me informar a sua idade?

03- Você é de qual cidade e estado?

04 - Qual foi o seu primeiro contato, com a Flibo? Via internet, indicação de alguém... Outros (Especificar) E com que idade, ocorreu?

05 - Qual a sua impressão da cidade, antes da Flibo?

06 - De que formas, você participou da Flibo, ao longo desses 11 anos de edições?

07 - 08- Você já participou de Festivais Literários em outras cidades? Havia algo semelhante a Flibo? Pretende participar de algum? Para você, o que mudou com a chegada da Flibo, a cidade de Boqueirão-PB?

09 - Você tem o hábito da leitura? Como ele começou?

10- Costuma comprar livros, nas livrarias e sebos que ficam expostos durante a Flibo?

11- Você já adquiriu algo, que estava sendo vendido nos estandes, na Flibo? Quais foram os produtos?

12- Você estudou em algumas das escolas da cidade? Qual delas? E participou de alguns dos projetos vinculados a Flibo? Em que etapa da educação, você estava?

13- Você já coordenou algum projeto, como professora, para ser apresentado na Flibo? Como ele foi desenvolvido?

14- Para você, o que a Flibo representa a cada edição?

15- Para você, quais os frutos gerados, a partir das ações da Flibo?